



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE MEDIAÇÕES INTERCULTURAIS
CURSO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS NEGOCIAÇÕES
INTERNACIONAIS**

JOSIELMA CARLA DO NASCIMENTO

**MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: EXPERIÊNCIAS DE ALUNOS LEA
ESTRANGEIROS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

**João Pessoa
2017**

JOSIELMA CARLA DO NASCIMENTO

**MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: EXPERIÊNCIAS DE ALUNOS LEA
ESTRANGEIROS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para conclusão do Curso de Línguas
Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, do
Centro Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade
Federal do Paraíba.

Orientadora: Professora Ma. Cláudia Caminha Lopes
Rodrigues

João Pessoa

2017

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

JOSIELMA CARLA DO NASCIMENTO

**MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: EXPERIÊNCIAS DE ALUNOS LEA
ESTRANGEIROS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para conclusão do Curso de Línguas
Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, do
Centro Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade
Federal do Paraíba.

Aprovado em ____ de _____ 2017

Banca Examinadora

Professora M^a. Cláudia Caminha Lopes Rodrigues (Orientadora)

Professor Dr. Roberto Vilmar Satur (Membro)

Professora Dr^a. Alyanne de Freitas Chacon (Membro)

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, João Carlos e Rosileide Ferreira, por toda ajuda e ensinamentos, pois é através das lutas e adversidades que conseguimos alcançar nossos objetivos;

À minha orientadora, Professora Ma. Cláudia Caminha, que me auxiliou nas etapas desta pesquisa;

Aos meus professores ao longo desta graduação; Em especial a Professora Dr^a. Alyanne de Freitas Chacon e ao Professor Dr. Roberto Vilmar Satur;

À aos meus grandes amigos Marianne Sultane, Vicente Neto e Diego Nascimento por toda ajuda e amizade;
Obrigada a todos.

“Porque agora é preciso ser Cidadão do Mundo. E o Cidadão do Mundo é intercultural. ” (SEBBEN, 2007, p. 138)

FOLHA DE IDENTIFICAÇÃO

Instituição	UFPB – Universidade Federal da Paraíba Endereço: - Reitoria Campus I, Cidade Universitária, s.n., CEP: 58059-900. João Pessoa/ PB - Centro de Ciências Humanas Letras e Artes Campus I, Cidade Universitária, s.n., CEP: 58059-900. João Pessoa/PB.
Dirigentes	Reitoria: Reitora: Prof ^a . Dr ^a . Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz Vice-Reitora: Prof ^a . Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira Pró-Reitoria de Graduação: Prof ^a . Dr ^a . Ariane Norma de Menezes Sá Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes: Diretora: Prof ^a . Dr ^a . Mônica Nóbrega Vice-Diretor: Prof. Dr. Rodrigo Freire de Carvalho Departamento de Mediações Interculturais: Chefe: Prof ^a . Dr ^a . Alyanne de Freitas Chacon Vice-Chefe: Prof ^a . M ^a . Cláudia Caminha Lopes Rodrigues Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais: Coordenador: Prof. Dr. Roberto Vilmar Satur Vice-Coordenador: ---
Trabalho de Conclusão de Curso	Título: MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: EXPERIÊNCIAS DE ALUNOS LEA ESTRANGEIROS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA Vínculo: Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso Professor Responsável: Prof. Dr. Roberto Vilmar Satur
Execução	Orientação: Prof ^a . M ^a . Cláudia Caminha Lopes Rodrigues Aluno (a): Josielma Carla Do Nascimento

RESUMO

A mobilidade acadêmica de estudantes para universidades estrangeiras se intensificou e cresceu em escala mundial, assim como o crescimento do número de jovens estrangeiros em nosso país. Estudantes de diversas áreas viajam ao exterior, sobre tudo, para obterem conhecimento e formação profissional que lhes concederão boas oportunidades em seus países de origem. Na Universidade Federal da Paraíba, existem estudantes estrangeiros dentre eles franceses, que vem para um período de mobilidade acadêmica internacional, estudar no curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI), sendo de total importância, relatar neste presente trabalho como se deu o processo de mobilidade desses estudantes. Uma vez que, acordos foram firmados entre instituições nacionais e estrangeiras, como é o caso da Universidade de La Rochelle e Universidade de Rouen na França, vários estudantes franceses puderam estudar por um período, em universidades brasileiras como a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e demais instituições em outros estados, onde o curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI) existe e é ofertado. Vale salientar que, o histórico do curso de LEA-NI, começou na Université de La Rochelle, na França desde 1990. Para que possamos compreender como foi a experiência de mobilidade acadêmica internacional de estudantes LEA-NI franceses na UFPB, precisamos entender quais foram os motivos que os trouxeram até aqui, sendo o objetivo principal desta pesquisa, analisar a experiência de alunos LEA-NI estrangeiros na instituição durante a mobilidade internacional e mais especificamente, conseguir identificar as expectativas dos estudantes, expondo as dificuldades vivenciadas por eles durante a viagem. O Referencial Teórico foi desenvolvido com o auxílio de livros de autores da área como Sebben (2009), Pertel (2015) e Moura (2015), dentre outros, que contribuíram para as compreensões conceituais sobre mobilidade acadêmica internacional, intercâmbios e viagens e com a interpretação dos dados. A metodologia deste trabalho, baseia-se, em uma pesquisa descritivo-exploratória em seu caráter, dando mais familiaridade com o tema em questão e que contribuirá, com a comunidade acadêmica e para futuros trabalhos de graduandos que se interessarem pelo tema. O universo são os estudantes estrangeiros do LEA e a amostra foram os seis estudantes que responderam aos questionários e que estiveram no campus I, entre os períodos de 2013.1 à 2017.1 porque era preciso, que tivessem vivenciado a experiência da mobilidade para que respondessem ao questionário. Também foram utilizados os métodos quantitativos e qualitativos na coleta dos dados, onde números, opiniões e informações foram obtidas e codificadas. Os conceitos e percepções existentes sobre o tema em questão, de acordo com outros autores como Caldeira (2003), Fausto (2003), Novais (2005), Sakata e Morosini (2006), também contribuíram com o desenvolvimento metodológico deste trabalho e os resultados obtidos foram bastante satisfatórios, uma vez que, é de grande importância, dar voz a esses estudantes que viajam com um sonho, com o desejo de obter conhecimento, sendo inclusive os objetivos iniciais alcançados no final desta pesquisa. Agora, é preciso solucionar os problemas relatados e as principais dificuldades durante a mobilidade dos intercambistas, para que os problemas internos da instituição sejam resolvidos com isto trazendo melhorias para o curso LEA-NI na Paraíba.

Palavras-chaves: Mobilidade Acadêmica, Intercâmbios, Mobilidade Internacional.

ABSTRACT

The academic mobility of students leaving their country for foreign universities has intensified and grown on a global scale, as well as the growth of the number of young foreigners in our country. Students from different areas go abroad, above all, to obtain the knowledge and professional training that will give them good opportunities in their own countries. In the Federal University of Paraíba, there are foreign students, including French ones that are coming for a period of international academic mobility, to study in the Foreign Languages Applied to International Negotiations (LEA-NI). It is of utmost importance to relate in this present work how was the process of mobility of these students. Once agreements were established between national and foreign institutions, like La Rochelle University and the Rouen University in France, many French students were able to study for a period in Brazilian universities. For instance, the State University of Santa Cruz (UESC), the Federal University of Paraíba (UFPB) and others institutions in other states, where the course of foreign languages Applied to International Negotiations (LEA-NI) is available and offered. It's important to notice that, the history of LEA course, (LEA-NI) started in La Rochelle University, in France since 1990. In order to our understanding of how was the international academic mobility experience of French LEA-NI students in the UFPB, we need to understand the reasons that have brought the students here. The main objective of this research is to analyse the experience of the LEA-NI foreign students in the institution during the international mobility and more specifically, to be able to identify the students' expectations, exposing the difficulties experienced for them along the way. The Theoretical Referencial was developed with the help of books written by authors such as Sebben (2009), Pertel (2015) and Moura (2015), among others, which contributed for the conceptual understandings about international academic mobility, exchanges and travels and also the interpretation of information. The methodology of this work is based on a descriptive-exploratory research in its character, giving more familiarity with the given topic, which will contribute with the academic community and with future works of undergraduate students that will have interest in this subject. The universe of this subject is the LEA's foreign students and the sample was the six students that answered the questionnaires and were on campus between the periods of 2013.1 from 2017.1 because it was necessary, that they had experienced the mobility experience to answer the questionnaire. In addition, quantitative and qualitative methods were used in the data collection, where numbers, opinions and information were obtained and modified. The existing concepts and perceptions about the given topic, according to others authors such as Caldeira (2003), Fausto (2003), Novais (2005), Sakata and Morosini (2006), also contributed with the methodological development of this work and the results obtained were quite satisfactory. It is very important to give voice for those students who go abroad with a dream, with the desire to obtain knowledge, and being the initial objectives reached in the end of this research. Now, it is necessary to solve the problems reported by them and the main difficulties during the mobility of the exchange students, in order to get the internal problems of the institution solved, and with this, bringing improvements for the LEA-NI course in Paraíba.

Keywords: Academic Mobility, Exchanges, International Mobility.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Crescimento do Turismo no Brasil.....	27
Tabela 2- Chegada de Turistas Estrangeiros ao Brasil.....	27
Tabela 3- Principal Objetivo das Viagens em 2014.....	30
Tabela 4- Motivos da Escolha da Região Metropolitana de João Pessoa (RMJP).....	31
Tabela 5- Mobilidade de Estudantes da Graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) ao Exterior- por País de Destino.....	46
Tabela 6 - Motivações para participar do programa de mobilidade estudantil.....	49

TABELA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	PERFIL DO TURISTA: faixa etária. %.....	29
Gráfico 2 -	Procedência dos Turistas %.....	30
Gráfico 3-	Idade dos Intercambistas em mobilidade.....	43
Gráfico 4 –	Percentual de intercambistas (sexo).....	44
Gráfico 5 –	Porcentagem dos alunos em mobilidade por período.....	44
Gráfico 6-	Universidade de Origem.....	45
Gráfico 7-	Foco do curso LEA nas universidades de Rouen e La Rochelle.....	47
Gráfico 8-	Fatores de influência para a mobilidade acadêmica internacional na UFPB.....	48
Gráfico 9-	Fatores de influência para a mobilidade acadêmica internacional dos estudantes Franceses e Brasileiros, FEA USP.....	48
Gráfico 10-	Expectativas anteriores à chegada a UFPB (%).....	49
Gráfico 11-	Expectativas após o intercâmbio na UFPB.....	50
Gráfico 12-	Avalia da experiência na UFPB após o intercâmbio.....	51
Gráfico 13-	Pontos positivos da experiência na UFPB segundo os intercambistas.....	51
Gráfico 14-	Pontos positivos da experiência dos alunos Brasileiros e Franceses FEA USP.....	52
Gráfico 15-	Pontos negativos na visão dos estudantes estrangeiros durante a mobilidade na UFPB.....	53
Gráfico 16-	Pontos Negativos na visão dos estudantes Brasileiros e Franceses FEA USP durante a mobilidade.....	53
Gráfico 17-	Motivos pelos quais estudantes estrangeiros indicariam para um (a) colega um período de estudos na UFPB.....	54

LISTA DE SÍGLAS

AAI	Assessoria para Assuntos Internacionais
CTI-NE	Comissão de Turismo Integrado do Nordeste
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
LEA-NI	Línguas Estrangeiras aplicadas às Negociações Internacionais
OMT	Organização Mundial do Turismo
PPC	Projeto Pedagógico de Curso LEA
PROMOBI	Programa de Mobilidade Internacional
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	CONTEXTO.....	17
1.2	DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	17
1.3	JUSTIFICATIVA.....	18
1.4	OBJETIVOS.....	19
1.4.1	GERAL.....	19
1.4.2	ESPECÍFICOS.....	19
1.5	METODOLOGIA.....	20
1.5	HIPÓTESES.....	20
2	ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO TURISMO.....	21
2.1	DEFINIÇÃO DO TERMO TURISMO.....	23
2.2	TURISMO NO MUNDO.....	24
2.3	TURISMO NO BRASIL.....	25
2.4	TURISMO NO NORDESTE.....	27
2.5	TURISMO CULTURAL.....	31
2.6	TURISMO DE FORMAÇÃO E MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL.....	32
3	A INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR.....	34
3.1	O LEA.....	40
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	43
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
6	REFERÊNCIAS.....	58
7	ANEXOS.....	67

INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTO

A mobilidade acadêmica de estudantes para universidades de países estrangeiros tem se intensificado e crescido em escala mundial, assim como o crescimento do número de jovens estrangeiros fazendo cursos de graduação no Brasil. É a partir desta visão e desta realidade que esta pesquisa se desenvolve.

O desejo em adquirir novos conhecimentos é um dos propulsores das viagens ao exterior, realizadas por estudantes de diversas áreas e que necessitam, sobretudo, aprender um novo idioma e conhecer novas culturas, proporcionando uma nova experiência de vida para esses estudantes que se aventuram para além de suas fronteiras.

1.2. DELIMITAÇÃO DO TEMA

Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), existem estudantes em mobilidade acadêmica internacional provenientes de diversos países, dentre eles, a França, que envia anualmente alunos de diferentes instituições estrangeiras de nível superior. Uma parcela desses estudantes escolhem o curso de Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI) para estudarem por um período de tempo na instituição.

Diante desse contexto, surge a necessidade de se responder a seguinte pergunta: como foi a experiência de mobilidade acadêmica internacional de estudantes de LEA-NI franceses na Universidade Federal da Paraíba?

1.3 JUSTIFICATIVA

Este estudo se justifica por ser necessário conhecer melhor o universo da mobilidade acadêmica internacional feita por estudantes LEA estrangeiros na UFPB e suas necessidades. Aprender uma nova língua requer dedicação e paixão pela cultura do outro, e viver por um período em um país estrangeiro é bem mais desafiador. Estar em contato com estrangeiros nos possibilita também conhecer novas culturas dentro do nosso próprio espaço e é um privilégio. Foi e continua sendo gratificante para a autora desta pesquisa. No LEA conseguimos compartilhar as mesmas emoções, além do desejo de fazer um intercâmbio e esta pesquisa servirá pra que possamos compreender melhor o que acontece durante uma viagem ao exterior. É importante saber que a mobilidade é sem dúvidas um tema importante no século XXI e foi abordada de diferentes formas em trabalhos já apresentados outrora por diversos autores. Nota-se que não existem trabalhos sobre o intercâmbio de estudantes LEA franceses na instituição e no curso LEA-NI. Por tanto, a importância do estudo e desta pesquisa para a comunidade acadêmica é de grande relevância. Mais trabalhos devem ser desenvolvidos sobre a mobilidade acadêmica para que possamos contribuir ainda mais com o curso LEA-NI na UFPB.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 OBJETIVO GERAL

A pesquisa tem como objetivo geral, analisar a experiência de alunos LEA franceses na Universidade Federal da Paraíba durante a mobilidade acadêmica internacional.

1.4.2 ESPECÍFICOS

- Identificar os pontos positivos da mobilidade acadêmica internacional feita pelos estudantes;
- Expor as expectativas após o intercâmbio dos estudantes;
- Apontar os fatores que influenciaram os estudantes a fazerem mobilidade.

1.5 METODOLOGIA

Este trabalho consiste em uma pesquisa descritivo-exploratória porque no decorrer do estudo fatos serão observados, analisados, classificados e possivelmente registrados de acordo com autores da área como Ignarra (2003), Andrade (1998), Theobald (2002), Bragato (2015). De caráter exploratório, pois o objetivo do estudo é proporcionar maior familiaridade com o tema, a fim de contribuir com as pesquisas na academia e para os estudantes LEA na UFPB e no Brasil que sentirem o interesse de continuarem suas pesquisas relacionadas com o tema apresentado. A pesquisa será desenvolvida com o auxílio de livros escritos por Sebben (2009), Pertel (2015), Moura (2015), entre outros que contribuíram para as compreensões conceituais e interpretação dos dados evidenciando seu caráter bibliográfico. O universo desta pesquisa são os estudantes estrangeiros do LEA e a amostra são os estudantes que responderam aos questionários e que estiveram na UFPB campus I entre os períodos de 2013.1 e 2017.1.

Quanto aos métodos de coleta de dados e suas abordagens, tratara-se-á de uma pesquisa quantitativa, pois se utilizará números, opiniões e informações para serem classificadas e analisadas e optou-se também pelo uso de dados qualitativos porque serão analisados indutivamente através de conceitos e percepções existentes de acordo com Caldeira (2003), Fausto (2003), Novais (2005), Sakata, Morosini (2006), Caldeira (2003). Das hipóteses iniciais, o desejo de aprender uma nova cultura e os programas de mobilidade seriam os principais meios pelos quais os estudantes estrangeiros decidem viajar. Eles seriam incentivados por suas universidades de origem que disponibilizam os intercâmbios ou são influenciados por outros intercambistas quando compartilham suas experiências pessoais de viagem uns para com os outros.

Este trabalho divide-se fundamentalmente em três capítulos nos quais o primeiro trata-se de uma breve apresentação sobre os antecedentes históricos do turismo e seu significado e a atual situação do setor no cenário mundial e brasileiro. O segundo capítulo deste trabalho apresenta um breve panorama sobre a Internacionalização do Ensino Superior e a mobilidade acadêmica, além de um breve relato sobre o curso LEA. O terceiro capítulo apresenta a pesquisa realizada com os estudantes de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais LEA franceses e sua análise e discussão. Por fim, as considerações finais.

2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO TURISMO

O turismo, em sua evolução, sempre esteve em todas as partes e lugares, seja na antiguidade, desde os sumérios, fenícios, gregos, romanos, indianos e chineses, seja nas viagens feitas às pirâmides do Egito, nas rodovias de Roma ou em viagens pela troca de bens no comércio. Na idade média, o turismo esteve em eventos religiosos como as cruzadas, ou no turismo educacional de nobres e já na idade moderna o turismo esteve presente nas grandes descobertas do novo mundo através das grandes navegações de Marco Polo, o precursor das viagens, ou no surgimento de ferrovias nas cidades. Com avanço tecnológico, o turismo cresceu e desenvolveu-se juntamente com nações e povos. (IGNARRA, 2003).

Para as autoras Yasoshima e Oliveira (2002) as viagens foram crescendo com o homem que se deslocava de um lugar para outro. (apud HESPANHOL, 2005, p.12).

Pesquisas arqueológicas revelaram, por exemplo, que há 13 mil anos, os grupos humanos habitantes da Caverna de Madasin, nos Pirineus franceses, viajavam até o mar e retornavam. Isso demonstra que o ser humano sempre viajou, seja definitivamente ou temporariamente, retornando. (LEAKEY, 1985, apud HESPANHOL, 2005, p. 12).

A palavra “tour” deriva do latim e do grego e que significa “uma volta” ou “um círculo”, ou seja, quem faz um tour faz uma viagem circular, que parte de um ponto e a ele regressa (THEOBALD, 2002). Isso explica as viagens de caráter religioso a monastérios e mosteiros da Síria, do Egito e de Belém, onde as pessoas queriam encontrar-se com os “servos de Deus”, nos séculos III e IV da era cristã. (OLIVEIRA, 1998). O turismo também começou com os primeiros jogos olímpicos em 776 antes de Cristo: pessoas iam para ver os jogos de 4 anos em 4 anos na Grécia Antiga.

Para Oliveira (2001), não eram apenas os jogos que atraíam as pessoas a praticarem o turismo, mas também a crença no poder de cura das águas minerais da Grécia, tidas como medicinais e sagradas naquela época, onde as pessoas iam se banhar, fortificando o turismo ainda mais.

Com a solidificação e o crescimento do comércio no mundo, o turismo evoluiu, principalmente porque durante o domínio romano as viagens por motivos comerciais floresceram, assim como as viagens de lazer, em cidades como Pompéia e Herculano dedicadas às férias dos Romanos. No geral, as viagens não fazem parte de um fenômeno novo. A humanidade tem feito translados desde as primeiras migrações

humanas da África para a Europa, atravessando o estreito de Bering até a América do Norte. Desde então, outras viagens evoluíram, principalmente devido à rapidez do fluxo de viajantes que se deu com o tempo, os novos meios de transporte e a adaptação das pessoas em diferentes lugares. Esses acontecimentos foram cruciais para o crescimento do turismo em escala mundial. (THEOBALD, 2002).

Em uma análise didática sobre a evolução do turismo e das viagens organizadas em períodos, da Antigüidade Clássica, Grécia e Roma, passando pela Idade Média, Renascimento, Modernidade e finalizando com a Pós-modernidade, ainda que se fale das viagens romanas como antecedentes remotas do turismo, não podemos compará-las com o turismo atual, pois as viagens gregas ou romanas, ou as semelhanças motivacionais de viajar por prazer, não correspondem ao que conhecemos atualmente como turismo, conforme Barreto (1997, apud HESPANHOL, 2005, p. 12):

Trata-se de viagens, seja de prazer, de comércio, de descoberta, realizada apenas por uma parte da sociedade: os homens livres – as relações de produção capitalistas da sociedade industrial que caracterizam o turismo atual não estavam presentes porque os serviços eram prestados pelo braço escravo. (Barreto, 1997, p.44, apud HESPANHOL, 2005, p. 12).

O turismo passou por transformações junto com o homem. No início do século XX, segundo Badaró (2003), aconteceram as grandes guerras mundiais por disputadas econômicas o que fez com que o turismo sofresse com a escassez das viagens. Barreto (1997, apud SPANHOL, 2005, p. 24) que:

No período entre guerras, as férias remuneradas passaram a ser uma realidade para grande parte da população européia, permitindo que outras classes sociais menos favorecidas economicamente também começassem a viajar, e que todas as classes começassem a aspirar a uma viagem de férias.

No século XX, explica Monteiro (2014), outro fator importante que impulsionou o turismo, foi a idéia do período de férias, onde foi concedida a remuneração para tempo de férias, que permitiu que as classes médias pudessem também viajar e praticar um tempo de lazer fora do seu ambiente usual e por vezes monótono.

O autor explica ainda que as modificações no turismo por si só não teriam sido possíveis e que existiram outros fatores que ajudaram a impulsionar o turismo e as formas de se fazer uma viagem. Thomas Cook, um promotor e agente de viagens, criou a primeira

viagem e pacote turístico chamado “The package Tour”, logo depois disto, o turismo se tornou de massa e um dos maiores setores econômicos rentáveis no planeta. (MONTEIRO, 2014).

2.1 DEFINIÇÕES DO TERMO TURISMO

Turismo é um fenômeno social, cultural e econômico relacionado com o movimento das pessoas para países ou lugares fora do seu local habitual de residência, por finalidades pessoais, profissionais ou de negócios. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO, 2014).

Os autores Barreto e Banducci (2001) afirmam que o turismo é um fenômeno e um ramo das ciências sociais, ligado à balança comercial dos países, além de ser uma atividade econômica, porque gera lucro. Já para Netto (2010), o turismo é uma atividade econômica que movimenta milhões de dólares todos os anos, no planeta inteiro.

ANDRADE (1998) confirma que turismo é o complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos, transportes, alojamento, alimentação, circulação de produtos típicos, atividades relacionadas aos momentos culturais, visita, lazer e entretenimento.

Para o Ministério do Turismo (2014), as pessoas que praticam o turismo são chamadas de visitantes. As atividades realizadas representam as ações e comportamentos das pessoas durante a viagem como consumidores, sendo uma viagem o percurso que uma pessoa faz a partir do momento de sua partida até seu retorno. Isso significa que uma viagem de ida e volta que é feita por um visitante é chamada de “viagem de turismo” com fins de lazer, negócios ou outro propósito pessoal. O turista tem o objetivo de vivenciar coisas novas e peculiares da cultura que ele estiver conhecendo.

Já na percepção de Theobald (2002), o termo turista apenas significa “viajante”. Outros autores explicam que turista é alguém que viaja por livre e espontânea vontade, por um período ilimitado de tempo, fora do seu local de residência habitual. (ANDRADE, 1998).

Andrade (2008) afirma que o turista seria a pessoa que viaja para recrear-se. Segundo Cooper (2007), os turistas constituem grupos sendo eles heterogêneos porque cada um tem um desejo ou personalidade diferente, bem como perfis

demográficos e experiências diversificadas. Ele classificou os turistas em duas categorias básicas, sendo o turista doméstico aquele que faz suas viagens dentro do seu próprio país, região ou cidade, e o turista internacional, aquele que atravessa as fronteiras do mundo.

Carvão (2009), também afirma outro motivo para que alguém faça uma viagem: o desejo de visitar parentes, amigos, lazer e férias, motivos profissionais e de saúde ou religiosos. Como outrora outros autores já afirmavam nos antecedentes históricos do turismo antes de Cristo, essas são as mesmas razões que levavam as pessoas a praticarem o turismo e serem turistas.

2.2 TURISMO NO MUNDO

O Turismo no mundo é a chave para o desenvolvimento e crescimento econômico dos países. Em um panorama geral, o turismo é um setor chave para o progresso socioeconômico, porque é através deste setor que novos postos de trabalho são criados. O turismo tem se expandido e tornou-se um dos maiores setores econômicos mundiais. (UNWTO TOURISM HIGHLIGHTS, 2016).

Os destinos favoritos dos turistas ainda são a Europa e a América do Norte e as chegadas internacionais de turistas em todo o mundo passaram de 25 milhões em 1950 para 278 milhões em 1980, 674 milhões em 2000 e 1.186 milhões em 2015 de turistas que viajam pelo mundo a destinos diversos. O turismo é uma categoria importante de comércio internacional de serviços porque além dos rendimentos provenientes dos destinos, o turismo internacional ainda gerou outros 211 bilhões de dólares nas exportações de serviços internacionais de passageiros prestados a não residentes em 2015, elevando o valor total das exportações de turismo para 1,5 bilhões de dólares. (UNWTO TOURISM HIGHLIGHTS, 2016).

Representa hoje 7% das exportações mundiais de bens e serviços, em comparação a 6% em 2014, pois o setor teve, nos últimos quatro anos, um crescimento superior ao comércio mundial. Hoje se sabe que em muitos países em desenvolvimento o turismo é o primeiro setor exportador. (UNWTO TOURISM HIGHLIGHTS, 2016).

Em 2015, no mundo, o fluxo de turistas internacionais pelo globo foi de 1186 milhões e a receita gerada do turismo internacional foi de 1260 bilhões de dólares e pessoas em países como China, Estados Unidos e Reino Unido em 2015 viajaram

mais ao exterior. No geral isto acontece porque estes países possuem uma moeda e economia mais forte que os outros países em desenvolvimento. (UNWTO TOURISM HIGHLIGHTS, 2016).

2.3 TURISMO NO BRASIL

O turismo como fenômeno social no Brasil foi posterior a 1920, onde os deslocamentos variavam conforme o momento histórico, econômico político e social da época. (BARRETO, 1997, apud HESPANHOL, 2005, p.27).

As viagens a turismo aconteciam pelo país porque novos territórios precisavam ser expandidos e explorados na obtenção de novas riquezas. A região açucareira do nordeste era a única onde já era habitual entre os filhos dos senhores de engenho, as viagens à Europa para prática da mobilidade internacional. As condições eram muito precárias nas moradias e não existiam estruturas para que a corte real portuguesa pudesse se hospedar em 1808. A vinda da família real para o Brasil, conta a autora, gerou um desencadeamento profundo de modificações no cotidiano, no comportamento, na infra-estrutura e principalmente na nossa economia, começando pelo Rio de Janeiro. (SOLHA, 2002, apud HESPANHOL, 2005, p. 28).

Somente após 1870 é que no Rio de Janeiro e São Paulo (os estados mais desenvolvidos no país), começaram a surgir meios de hospedagens parecidos com os existentes na Europa. As primeiras hospedagens, casas abertas ao público que alugavam, temporariamente, quartos mobiliados (os hotéis hoje conhecidos), e a qualidade dos serviços oferecidos melhorou, sendo capazes de proporcionar aos hóspedes estada similar à encontrada nas mansões senhoriais, comparados hoje a "hotéis de luxo" da época. Com o desenvolvimento dos meios de transporte (bondes, trens) outras localidades se transformaram em centros visitados por turistas Consolidando-se, enfim o hábito de viajar, entre a elite brasileira, nas três últimas décadas do século XIX. (SOLHA, 2002, apud HESPANHOL, 2005).

O turismo no Brasil ficou restrito à elite brasileira. Somente no final da década de 1940 ele começou a ser mais acessível às outras camadas sociais, a partir da Consolidação das Leis Trabalhistas (Decreto-Lei nº 5452 de 1º de maio de 1943), que regulamentaram as relações individuais e coletivas de trabalho, os salários, a jornada de trabalho, o descanso remunerado e férias e só no final da década que as pessoas puderam viajar a lazer. (SOLHA, 2002, apud HESPANHOL, 2005, p. 32).

Já o turismo na América Latina se deu a partir da década de 50. Após a Segunda Guerra Mundial, muitos países se deram conta sobre a importância de abrirem suas fronteiras para o turismo. (SCHLUTER, 2002).

No Brasil, na década de 1950 houve a consolidação da classe média, então o país ganha visibilidade internacional nesta época, a indústria automobilística se tornou muito forte e o país se empenhou em ampliar as rodovias por todo território nacional. (HESPANHOL, 2005).

No entanto, o turismo do Brasil se tornou um dos maiores setores econômicos mundiais na década de 1990. Em sua primeira fase na década de 1970, o setor turístico atraía políticos, empresários e acadêmicos, passando por uma fase difícil, não sendo bem sucedido, por causa das instabilidades econômicas e políticas do regime militar. A segunda fase do turismo no Brasil se deu em 1990, quando o país tentava melhorar sua imagem no exterior: “o paraíso tropical” como era chamado. Só a partir da década de 1990 que o país atraiu muitos investimentos estrangeiros e a rede hoteleira cresceu bastante. (THEOBALD, 2002).

No ano de 2013, dados do Ministério do Turismo mostraram que, durante 2012 a economia brasileira mesmo com a crise internacional e com a desaceleração do crescimento econômico no país, o setor turístico ainda resistia. Com uma expansão estimada em 2012, equivalente a seis vezes o crescimento do PIB nacional e Só em 2012 foram quase 3 milhões de empregos diretos, gerados com baixo custo, de forma sustentável. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2013).

Em 2012, o turismo brasileiro cresceu 6%, dois pontos percentuais acima da média mundial anual. No turismo internacional, o Brasil se destaca com o segmento de negócios, eventos e convenções, os serviços foram bastante elogiados pelo público internacional em quesitos como hospitalidade, gastronomia e hotelaria. Como mostram as tabelas abaixo:

Tabelas 1 e 2 – Crescimento do Turismo no Brasil – Chegada de turistas estrangeiros ao Brasil

Participação direta** do turismo na economia brasileira (em US\$ bilhões)		Crescimento real do turismo no Brasil, ano a ano (em %)		Número de visitantes (em milhões)	
2003	24,342	2003	6,5	2003	4,13
2004	28,27	2004	2,1	2004	4,79
2005	34,274	2005	-5,9	2005	5,35
2006	41,373	2006	1,6	2006	5,01
2007	45,648	2007	-6,7	2007	5,02
2008	53,318	2008	1,5	2008	5,05
2009	55,194	2009	5,2	2009	4,80
2010	68,563	2010	1	2010	5,16
2011	80,328	2011	4,1	2011	5,43
2012	76,929	2012	6	2012	5,67
		2013	5*		

Fonte: World Travel & Tourism Council (WTTC) e Ministério do Turismo (2012).

Fonte: Ministério do Turismo, Indicadores (2012).

Já no ano de 2016, novos turistas estrangeiros chegaram ao Brasil, em maior número entre outubro a dezembro de 2016 de países como Estados Unidos, Argentina, Itália, Portugal e França. Dos destinos nacionais mais procurados por turistas estrangeiros estão os estados, na região Nordeste Bahia e Ceará, Rio de Janeiro e São Paulo, na Região Sudeste e o Rio Grande do Sul da Região Sul. (MINISTÉRIO DO TURISMO, EMBRATUR, 2017).

2.4 TURISMO NO NORDESTE

A região Nordeste é composta pelos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte e, neste contexto, a atividade turística é um fator de grande importância para as economias desses estados. O Nordeste dos diversos tipos de turismo destaca-se pelo seu potencial com o turismo cultural, por ter em seu território deltas, bancos de corais, lagoas, rios, caatingas, cerrados e reservas de mata atlântica, dunas, chapadas, além de um folclore rico, artesanato, gastronomia, condições climáticas favoráveis (sol todo o ano), diversas festas populares, grandes mercados e pólos de confecções, uma

indústria centrada, entre outros setores que estão em desenvolvimento. (FUNDAÇÃO CTI/NE, 2017).

A expectativa é que a atividade turística e os investimentos em turismo continuarão crescendo nos próximos anos. Em nível nacional, a Região já é destino preferencial da maioria dos brasileiros; para o mercado internacional, é uma alternativa a destinos tradicionais como os resorts do Caribe, com a vantagem de possuir um rico e diversificado acervo cultural - que está, cada vez mais, sendo descoberto por viajantes da Europa, Estados Unidos e América Latina. (FUNDAÇÃO CTI/NE, 2017).

De acordo com “A Pesquisa Anual do Desempenho do Turismo na Paraíba Região Metropolitana de João Pessoa” (2017) realizada com turistas nacionais e estrangeiros, João Pessoa exerce um papel preponderante na economia do seu estado e no desenvolvimento do turismo.

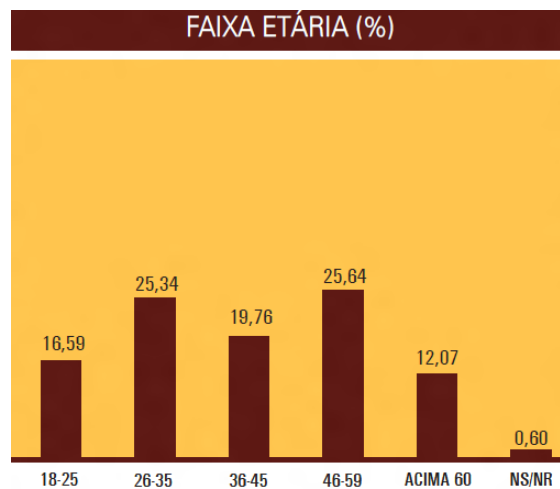
A região oferece ao visitante um turismo histórico e cultural, formado por igrejas e santuários, barrocos, e também por construções modernas a exemplo do Centro de Convenções de João Pessoa e da Estação Cabo Branco, Ciência, Cultura e Artes. (p. 5).

Na Região Metropolitana de João Pessoa (RMJP), a mais populosa, com mais de 1.0000 habitantes (estimativa de 2016) e entre as práticas do turismo, o turismo de lazer, o turismo histórico cultural/religioso, o turismo ecológico e o turismo de eventos se destacam. São segmentos do turismo que geram mais renda para o turismo, porque se tornaram mais fortes. (INSTITUTO FECOMÉRCIO, 2017)

João Pessoa, com a inauguração do Centro de Convenções, passou a receber eventos empresariais, como feiras e exposições, simpósios e congressos, além de grandes espetáculos, como peças teatrais e concertos, com destaque aos meios de hospedagem, entretenimento e lazer e, só em janeiro de 2016, 14.152 visitantes vieram a capital. Anualmente 1.197.634 turistas visitaram a cidade, sendo a vinda de turistas positiva para o turismo local, reforça o estudo. (INSTITUTO FECOMÉRCIO, 2017).

Ainda segundo a pesquisa citada acima, o perfil do público que vem à cidade ainda é feminino em sua grande maioria, 53,4%; a faixa etária dos visitantes, mais expressiva foi de turistas com idade entre 46 a 59 anos (25,64%), seguida pela faixa composta por turistas com idades entre 26 a 35 anos (25,34%). (INSTITUTO FECOMÉRCIO, 2017). Como ilustra o gráfico abaixo:

Gráfico 1 - PERFIL DO TURISTA: faixa etária. %

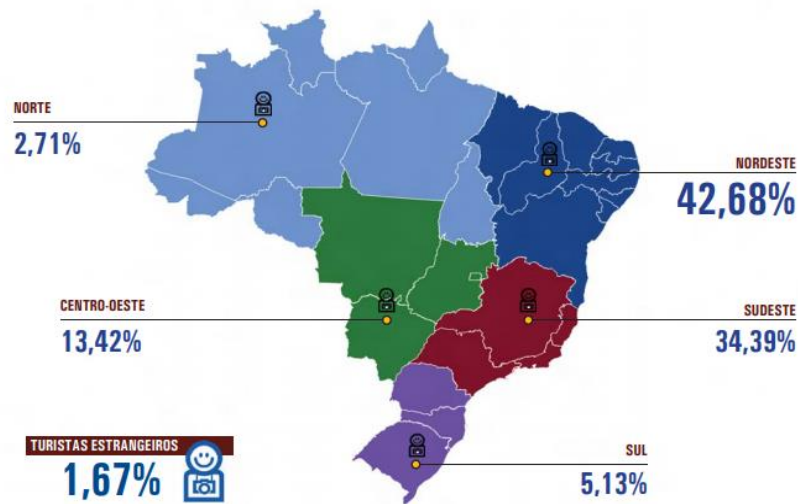


Fonte: Instituto Fecomércio de Pesquisas da Paraíba (2017).

A maior parte dos turistas (42,68%) que visitou a região metropolitana de João Pessoa, em 2017, vem da Região Nordeste, (32,23%) procedente de outras cidades da Paraíba, em seguida, turistas do estado de Pernambuco (24,54%), Rio Grande do Norte (22,71%) e Ceará (6,96%), o segundo maior número de turistas que visitaram a RMJP vindo de outras regiões do Brasil é da Região Sudeste (34,39%) a maior parte deles é de São Paulo 57,14%; do estado do Rio de Janeiro 34,87%, seguido por Minas gerais 7,56%; em terceiro lugar, Região Centro-Oeste, com 13,42% de turistas, sendo a maioria dos visitantes do Distrito Federal, conforme ilustração abaixo:

Já o fluxo internacional que visita a capital, um percentual de 1,67% de turistas estrangeiros, veio especificamente dos Estados Unidos, França, Itália, Argentina, Portugal, Bolívia, Canadá e Holanda. (INSTITUTO FECOMÉRCIO, 2017). Como ilustra o gráfico abaixo:

Gráfico 2 - Procedência dos Turistas %



Fonte: Pesquisa Anual do Desempenho do Turismo na Região Metropolitana de João Pessoa (RMJP) |(2017).

No ano de 2014, o percentual de turistas que procuravam a RMJP para turismo de lazer foi de 56,48%, em 2015 foi 57,14%, em 2016 foi de 58,99% e em 2017 foi de 59,13%. O turismo de negócios trouxe 7,54% dos visitantes a RMJP, um número maior que em 2015, 7,37%. Essa modalidade de turismo vem apresentando crescimento desde o ano de 2013. Uma parcela significativa de visitantes, 28,81%, afirmou que o principal objetivo de sua viagem à Paraíba foi a visita à familiares/amigos (INSTITUTO FECOMÉRCIO, 2017), conforme tabela abaixo:

Tabela 3 – Principal Objetivo das Viagens em 2014

PRINCIPAL OBJETIVO DA VIAGEM	PERCENTUAL
Turismo Lazer	59,13 %
Visitar familiares/amigos	28,81 %
Negócios/trabalho	7,54 %
Eventos	2,11 %
Tratamento de saúde	0,90 %
Estudos	0,75 %
Compras	0,45 %
Réveillon	0,31 %
TOTAL	100,00 %

Fonte: Instituto Fecomércio de Pesquisas da Paraíba (2017).

Por fim, outro elemento importante para compor a análise do desempenho da atividade turística na Região Metropolitana de João Pessoa – RMJP foi levantar o que mais motivou o turista a escolher a RMJP como local a ser visitado.

No que se refere aos motivos que levaram os turistas a escolher a RMJP para o turismo, destacaram-se, com 53,09% das respostas, as praias, pois, segundo os visitantes, a Paraíba possui belas praias urbanas com águas claras, mornas e tranquilas e praias em sua forma ainda bastante natural. Em seguida, aparecem a visita a parentes ou amigos com 41,63% das respostas, a propaganda nos veículos de comunicação, com 19,31%, e a escolha pelos atrativos naturais, 18,85% (INSTITUTO FECOMÉRCIO, 2017), conforme tabela abaixo:

Tabela 4- Motivos da Escolha da Região Metropolitana de João Pessoa (RMJP)

MOTIVOS DA ESCOLHA DA RMJP PARA TURISMO	PERCENTUAL
As praias	53,09 %
Visitar amigos e parentes	41,63 %
Propaganda nos veículos de comunicação	19,31 %
Atrativos naturais	18,85 %
Indicação de amigos ou parentes	13,88 %
Indicação de agência de viagem	8,14 %
Pela proximidade da cidade	7,84 %
Trabalho/negócios	7,39 %
Preço da viagem mais adequado	6,94 %
O verde de João Pessoa	5,28 %

Fonte: Instituto Fecomércio de Pesquisas da Paraíba (2017).

2.5 TURISMO CULTURAL

Desde os primeiros registros feitos pela humanidade, existem muitas referências do deslocamento dos povos de um lugar para outro. Talvez por necessidade de sobrevivência, ou desejo de conhecer novos lugares, o homem sentia que deveria aperfeiçoar seus deslocamentos. Para Oliveira (1998), o homem é alguém que sente a necessidade em “aprender” para evoluir.

Na visão de Oliveira (1998), o turismo cultural é definido como o conjunto de atividades exercidas pelas pessoas que viajam a fim de participar de congressos,

convenções, assembleias, simpósios, seminários, reuniões, ciclos, sínodos, concílios e demais encontros ligados a cultura. Para Cooper (2007); Azevedo e Irving (2002) no turismo cultural a motivação central dos praticantes do turismo cultural corresponde à busca do conhecimento.

Andrade (1998) reforça esta afirmação quando diz que a motivação e a busca do conhecimento vem dos turistas que se sensibilizam por culturas diferentes, sentem o desejo e necessidade em conhecer o outro, os ambientes e lugares.

Oliveira (2001), explica que o turismo cultural pode ser praticado não só por intercambistas mas por professores, técnicos, pesquisadores, cientistas, arqueólogos que estão em busca do conhecimento pois as viagens serão organizadas para este fim, o de aprender.

Menezes (2004) explica que o turismo cultural acontece porque é próprio dos homens o desejo de conhecer novas culturas. O homem sente a necessidade de compreender e aprender sobre a história e sobre o contexto cultural do outro.

2.6 TURISMO DE FORMAÇÃO E MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL

As viagens de cunho educativo tiveram início no século XVIII quando o objetivo das pessoas era adquirir conhecimentos gerais e culturais e o “Grand Tour” por exemplo, foi um fenômeno típico da cultura europeia do século XVIII em que viagens aristocratas pelo continente europeu eram muito comuns e incentivadas e tais viagens tinham como finalidade a complementação dos conhecimentos culturais em países com uma maior fonte cultural, compondo assim, um status social e intelectual que a sociedade da época impunha. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

O “Gran Tour”, eram as “viagens de estudos” pois assumiram o valor de um diploma que conferia aos estudantes status social, onde os ingleses mais ricos e importantes consideravam detentos de cultura apenas quem tivesse sua educação ou formação profissional coroada por um “*Grand Tour*” pela Europa. (ANDRADE, 1998).

Oliveira (2001, p. 85) afirma que: “Turismo de formação é o turismo praticado por jovens estudantes com o objetivo de realizar cursos ou aprender idiomas em outros países”.

Turismo Cultural e Turismo de Formação se interligam. Sebben (2007) explica que o intercâmbio começou muito antes de Cristo, na República Romana, com os

jovens que iam à Grécia para estudar em cidades como Atenas, Rodes, Pérgamo e Alexandria, desde filosofia à literatura e artes.

Ainda para Sebben (2007), essas antigas viagens de estudos que hoje conhecemos como “mobilidade acadêmica internacional” são compostas por uma rede de relacionamentos cheios de implicações sociais, psicológicas, políticas e culturais. A autora conta, um pouco mais ainda, (SEBBEN, 2009) que o turismo de formação permite que o estrangeiro saia do seu país de origem para aprender um idioma novo ou, na maioria das vezes, esse “intercambista”, como é chamado, vai aprimorar o que já estudou em teoria, com isso aprende não só um novo idioma como também desfruta de tudo que estiver inserido na cultura do outro.

A autora explica que a evolução do intercambio cultural teve três grandes fases: na primeira, os intercambistas se preocupavam mais com suas formações acadêmicas, na segunda fase, o objetivo era ampliar o “*international undertaking*”, com estudantes do pós Guerra que mudaram o conceito de “viagens de estudos” para “viagens de estudo e aprendizado de convivência pacífica entre os povos”. Na terceira fase, que é a em que estamos, o objetivo é novamente a preocupação com a educação formal. (SEBBEN, 2007).

Como afirmou Latreche (2001), a preocupação formal atualmente é sentida no âmbito acadêmico pelas universidades, que tem investido em mobilidade internacional. O movimento de mobilidade estudantil surge com o intuito de “estabelecer uma amplitude nas dimensões intelectual, cultural, social, científica e tecnológica para a formação de cidadãos preparados para enfrentar os desafios do novo milênio, além de ampliar acordos interinstitucionais.

Para (CABRAL, SILVA, SAITO, 2011), as universidades são exatamente esses locais de criação e transmissão de saber, de conhecimento e inovação, sendo as propulsoras do desenvolvimento social, econômico e cultural de uma sociedade. São as Universidades que proporcionam a emancipação dos estudantes, que os torna cidadãos críticos para atuarem na sociedade e no mercado de trabalho.

Dentre todos os fatores que influenciam a mobilidade os que têm mais peso são as razões pessoais, entre os quais sobre tudo, o fato de buscar novas experiências. A maioria se inscreve nos programas por ter a sensação de que esta será uma experiência única e que marcará sua trajetória pessoal. (BRAGATO, 2015).

Ramos e Leal (2017), contam que a mobilidade estudantil internacional tem cada vez mais conseguido um espaço importante na sociedade. Hoje se compreende

que num mundo sem fronteiras é preciso buscar mais conhecimento sobre a cultura de outros povos e neste contexto, a mobilidade internacional tem contribuído para o crescimento de novas oportunidades para estudantes que desejam ampliar seus horizontes e suas formações profissional e acadêmica, mesmo assim, o estudante que deseja viver a mobilidade estudantil Internacional a faz por aspectos socioculturais, acadêmicos e econômicos; ele deseja conhecer uma nova cultura e a reputação e a qualidade do sistema de ensino no país de destino.

3 A INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

Só a partir da Revolução Industrial foi que a evolução científica nos países Europeus cresceu, assim como a internacionalização do ensino superior. Segundo Morosini (2006), a internacionalização do ensino superior é a marca das relações entre as universidades.

O objetivo da internacionalização, segundo Knight (2012), não é dar um currículo mais internacionalizado nem um aumento na mobilidade acadêmica por si mesma para os estudantes. Em vez disso, o objetivo é garantir que os estudantes estejam mais preparados para viver e trabalhar num mundo mais interconectado e globalizado. Para a autora, a globalização e a internacionalização estarão sempre interligadas interagindo entre si; mesmo sendo diferentes, estão associadas.

Ela explica que a globalização tem seu foco no fluxo mundial de idéias, recursos, pessoas, economias, valores, culturas, conhecimento, bens, serviços e tecnologias e já a internacionalização enfatiza, o relacionamento entre as nações, povos, culturas, instituições e sistemas, por isso estão juntas. (KNIGHT, 2012).

É importante ressaltar que só a partir da década de 90 que a internacionalização se fortificou em panorama mundial, sendo mais incentivada pelos Estados Unidos, onde se fortificou com a Segunda Guerra Mundial e com o fim da Guerra Fria nos anos de 1991. A internacionalização da educação superior estava totalmente ligada à globalização e à regionalização das sociedades, sendo seu impacto maior na educação superior. (MOROSINI, 2006).

Em tempos mais atuais, a mobilidade acadêmica internacional, tem sido incentivada e praticada em todos os países graças à internacionalização. As viagens acadêmicas acontecem independentemente de características geográficas e

climáticas específicas dos países e são oferecidas o ano inteiro por instituições de nível superior. As universidades acreditam que internacionalizar o ensino superior é primordial em esferas globais. Um dos principais valores é o conhecimento adquirido por alguém ao fazer um intercâmbio, além da busca de educação e certificação de graduandos como afirmam os autores CABRAL, SILVA, SAITO (2011):

Perante a missão das universidades de preparar cidadãos para um mundo interligado e interdependente, surge a necessidade de uma experiência educacional internacionalizada, a qual permita o conhecimento e respeito pela diversidade cultural. (STALLIVIERI, 2002, apud CABRAL, SILVA, SAITO, 2011, p. 2).

A mobilidade pode existir de várias formas e coabitar com diversos meios. Isto é, estrangeiros e estudantes-convênios num determinado campus; existência de um número e magnitude de concessões de pesquisa internacional e projetos de pesquisa internacionais cooperativados; associações internacionais envolvendo consultoria para universidades estrangeiras e outras instituições; e cooperação internacional e colaboração entre escolas, conselhos e faculdades na universidade; (BARTELL 2003, apud MOROSINI 2006).

Para Bido (2015), a internacionalização se dá em sua configuração através de programas acadêmicos, incluindo intercâmbio para a comunidade acadêmica que vai a eventos internacionais e estudos de língua estrangeira, currículo internacionalizado, estudo de áreas temáticas, empregabilidade no exterior, dupla diplomação, capacitação intercultural e acordos de pesquisas internacionais. Na extensão, encontram-se projetos comunitários interculturais e a criação de programas educacionais em outros países.

Com base nas diferentes abordagens conceituais sobre a internacionalização do ensino superior é possível notar que as opiniões desses autores associam-se as de Knight (2004, apud MOROSINI, 2006) quando afirmou que existe uma relação entre a globalização e internacionalização porque a internacionalização transforma o mundo da educação superior e a educação superior transforma também o mundo da globalização. Todos os conceitos citados anteriormente interligam-se com a nossa realidade.

Sobre a internacionalização como um desafio no ensino superior, é preciso deixar claro que a mobilidade dos intercambistas para universidades estrangeiras se intensificou tanto quanto o aumento de estudantes estrangeiros em nosso país. Os

resultados finais do projeto de pesquisa intitulado: “A internacionalização como desafio no ensino superior: dos ganhos individuais aos impactos institucionais” mostrou que as políticas e estratégias institucionais de democratização e internacionalização da Universidade do Extremo Sul Catarinense, (UNESC) influenciam nas práticas pedagógicas da Instituição. Segundo o autor, as Propostas de mobilidade acadêmica são um grande exemplo de política adotada pelas instituições de um modo geral. Os alunos desta universidade participaram dos programas de mobilidade acadêmica tais como: Ciência sem Fronteira e Santander Universidades. (SOARES, 2015).

Essas mesmas políticas e estratégias institucionais de democratização na UNESC segundo Soares e Volpato (2015) foram capazes de trazer avanços metodológicos e até desenvolvimento no meio acadêmico e na formação universitária.

Na percepção dos estudantes que usufruíram das políticas de mobilidade na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), houve melhorias na qualidade da formação, no aprendizado de idiomas e na ampliação cultural dos estudantes.

Para Ortiz (2004), a mobilidade internacional, os programas de ensino superior e as relações com corporações do exterior e, o mais importante, possuir um bom currículo internacional de negócios permitiu aos estudantes, serem mais aptos a resolverem problemas e a terem boas chances no mercado de trabalho nacional e internacional.

Segundo dados da Assessoria de Assuntos Internacionais (2017), a Universidade Federal da Paraíba, apóia o intercâmbio e tem convênios ativos de cooperação acadêmica com outros países através de acordos bilaterais. Muitos alunos estrangeiros de graduação e pós-graduação fizeram intercâmbio na/pela instituição UFPB.

Dentre os programas de mobilidade acadêmica internacional na UFPB há também os convênios entre países estrangeiros com o Brasil, que atuam dentro das instituições nacionais Brasileiras como: PEC-G e PEG-PG: Atualmente, são 59 os países participantes no PEC-G/PEG-PG, 25 da África, 25 das Américas e 9 da Ásia, sendo os cursos com maior número de vagas oferecidas Letras, Comunicação Social, Administração, Ciências Biológicas e Pedagogia). (PROGRAMA DE ESTUDANTES-CONVÊNIO DE GRADUAÇÃO, 2017).

PROMOBI- Programa de Mobilidade Internacional para alunos da Universidade Federal da Paraíba que podem ir para diversos países como Alemanha, Angola,

Argentina, Bolívia, Cabo Verde, Canadá, Colômbia, Espanha, EUA, França, Irã, Itália, México, Moçambique, Peru, Portugal, Suíça e Timor- Leste para diversas universidades nesses países. (AAI, 2017).

Santander/Ibero- Americanas: é um programa do Santander. Contempla universitários com uma bolsa-auxílio para promover o intercâmbio, por até um semestre, de estudantes de graduação entre universidades de 10 países da região da Ibero-América: Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, Espanha, Peru, Porto Rico, Portugal, México e Uruguai. O valor deve ser usado para cobrir custos com transporte, hospedagem e alimentação, já que o curso deve ser concedido como resultado de um acordo estabelecido entre universidades brasileiras e estrangeiras. (AAI, 2016).

Acordos com a universidade de La Rochelle e Rouen para estudantes LEA, para estudarem por um semestre na UFPB. (AAI, 2017).

Acordo entre a FEA/USP¹ e universidades Francesas as “Grand Ecoles” que receberam estudantes Brasileiros e enviaram estudantes Franceses para períodos de mobilidade no Brasil. (SAKATA E RICCIO, 2006).

A Relação do Brasil com a França é boa e isso acontece, na percepção de Caldeira e Fausto (2003), porque no processo de formação da nossa história houve a migração e junção de diferentes povos, portugueses, italianos, espanhóis, alemães, judeus, sírios, libaneses e japoneses, onde todos eles contribuíram para a característica étnica do povo brasileiro.

O número de estudantes brasileiros da FEA que participam em Programa de Intercâmbio em 2003 foi 84, em 2004, 89 estudantes e em 2005, 111 Estudantes brasileiros viajaram ao exterior. Dos 111 estudantes que foram em (2005) para o exterior, 30 deles foram para a França, representando a maior concentração (27,3%). (RICCIO E SAKATA, 2006).

Considerando o número total de estudantes FEA-USP que participaram de programas de Intercâmbio, desde 1998, a França representa o primeiro destino dos estudantes, a Suécia o segundo (com cursos em inglês), seguido por Alemanha, Holanda, Espanha, Portugal Inglaterra, Itália, EUA, Finlândia e Canadá entre outros. Quanto aos estudantes estrangeiros que participaram de programas de Intercâmbio com a FEA, em 2003, graças aos acordos firmados, vieram 67, em 2004, 87

¹ (A USP foi uma das pioneiras na implantação de processos de internacionalização e serviu como modelo no Brasil e até mesmo para as IES da América do Sul). (Ciência sem Fronteiras: A Mobilidade Acadêmica e seus Impactos). (BIDO, Fogaça, 2015, p. 41).

estudantes, e em 2005, 94 estudantes estrangeiros vieram ao Brasil. Do total de 94 estudantes que vieram para a FEA USP em 2005, 24 deles vieram da França, isto é, 25,5% representando a concentração maior de intercambistas, (SAKATA E RICCIO, 2006).

A Universidade de Fortaleza (UNIFOR) é outra instituição nacional que tem participado de programas de intercâmbio acadêmico com instituições de ensino no exterior. Em suma, os dados coletados na UNIFOR, serão comparados com os dados coletados na UFPB, na análise e discussão dos resultados desta pesquisa. (UNIFOR, 2014).

As influências pessoais vem do contexto familiar conta Bragato (2015), a situação socioeconômica dos pais pode influenciar bastante o intercambio dos filhos, porque quanto maior o nível socioeconômico e cultural, maiores são as oportunidades para participar de programas de mobilidade.

Bragato (2015), também explica que dentre todos os fatores que influenciam a mobilidade os que têm mais peso são as razões pessoais, entre os quais sobre tudo, o fato de buscar novas experiências. A maioria se inscreve nos programas por ter a sensação de que esta será uma experiência única e que marcará sua trajetória pessoal.

A universidade, desde a sua gênese na alta Idade Média na Europa, parece ter, na mobilidade de alunos e professores, um dos pilares do intercâmbio e do crescimento acadêmico. Como afirma Sehnem e Luna (2013), do medievo aos dias de hoje, as práticas de mobilidade estudantil se aperfeiçoaram e se ampliaram para programas de maior complexidade e amplitude em número de docentes, discentes e instituições. Exemplos são, atualmente, programas estudantis como o ERASMUS, na Europa, e o Ciência sem Fronteiras (CsF) no Brasil, ambos programas de mobilidade estudantil. (SEHNEM E LUNA, 2013). O “ Ciências sem Fronteiras² ” e ERASMUS, foram os mais importantes programas já criados segundo Sehnem e Luna (2013) pelo Brasil e pela Europa, afirmam os autores.

O Ciências sem Fronteiras, segundo Bido (2015), lançado em dezembro de (2011), foi uma experiência inédita no contexto das políticas nacionais do Brasil porque ele

4. A mobilidade Acadêmica ganhou destaque nesta década graças ao (CSF) e tornou-se uma das principais formas de internacionalização da educação e importante meio de divulgação do potencial do Brasil no exterior. (BIDO, 2015, p. 57).

representou um marco na história da mobilidade acadêmica no país, disponibilizando bolsas de estudo no exterior que priorizavam os estudantes de graduação.

O Ciência sem Fronteiras³ foi criado porque existia na época a necessidade de evolução da ciência, da tecnologia, da competitividade internacional e o desenvolvimento intercultural do Brasil. (SEHNEM E LUNA, 2013).

Ciência sem Fronteiras é um programa que busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. Fruto de esforço conjunto dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação. (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), por meio de suas respectivas instituições de fomento - CNPq e Capes -, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC. (CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS, 2017).

O Ciência sem Fronteiras foi criado pela Presidência da República do Brasil através do decreto 7.642, de 13 de Dezembro de 2011. (SEHNEM E LUNA, 2013).

Ainda segundo Bido (2015), o CSF trouxe mais acesso à informação em âmbito internacional, dando mais oportunidades aos brasileiros que desejam crescer profissionalmente e academicamente. Esse conhecimento acadêmico é obtido através das trocas de experiências culturais e do contato de estudantes com o meio acadêmico internacional.

Na pesquisa A mobilidade Acadêmica e seus impactos feita por Bido (2015), com estudantes que passaram pelo programa Ciências sem Fronteira, a categoria (Cultura) ganhou amplo destaque entre os estudantes entrevistados. Eles afirmaram que durante a mobilidade acadêmica em diversos países, suas percepções de mundo mudaram, havendo amadurecimento em diversos aspectos pessoais e profissionais porque graças ao intercâmbio, tiveram mais possibilidades diárias de contato com novas culturas. A pesquisa foi feita com 58 estudantes de graduação que participaram de intercâmbios acadêmicos internacionais pelo CSF em 2015. (BIDO, 2015).

É sabido que os programas de mobilidade internacional (como o CSF) são resultados de um processo de internacionalização das universidades e o processo de internacionalização precisa passar por mudanças organizacionais, onde a inovação LEA como inovação curricular na comunidade acadêmica é importante. (SEHNEM E LUNA, 2013).

³ Em sua 1ª edição (de 2012 a 2015) o (CSF) enviou 101 mil estudantes a centenas de universidades localizadas em 22 países. (BIDO, 2015, p. 58).

3.1 O LEA

O curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI) passou a existir no Brasil depois de acordos institucionais entre o Brasil e a França, segundo Voisin (2015). O histórico dos cursos de Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas começa na Université de La Rochelle, na França, no ano de 1990. No Brasil, a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em Ilhéus, é a pioneira em sua oferta a partir do ano de 2002.

O segundo curso do país tem início em 2009 na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no Campus de João Pessoa. Em 2011, a Universidade de Brasília (UnB) inicia as atividades do Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação, projeto diferenciado em relação aos cursos da UESC e UFPB. Atualmente, na Europa, principalmente em Portugal e Espanha, já existe oferta de Cursos de Mestrado Profissional em Línguas Estrangeiras Aplicadas, com linhas de pesquisa Comércio e Relações Internacionais, Tradução e Estudos Linguísticos Aplicados. A implantação do curso de Bacharelado em LEA-NI no CEFET/RJ representa um resgate do papel formador e a presença da língua estrangeira no histórico das escolas da Rede Federal. (PPC LEA, CEFET, 2017).

Em outubro de (1998) conta a autora, aconteceu a Conferência Mundial sobre educação Superior realizada pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), que produziu a Declaração mundial sobre a educação superior no século XXI, cujas idéias de base incluíam transdisciplinaridade, flexibilização, cooperação e mobilidade internacionais, diálogo intercultural, aproximação entre formação acadêmica e necessidades da sociedade, que caracterizariam a universidade em um novo milênio, de acordo com as novas realidades advindas das inovações tecnológicas e do processo de mundialização que se intensificavam no mundo. Foi neste contexto que a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) na Bahia (Ilhéus) em 1999, deu início ao processo de criação do curso de LEA.

O curso já existia na universidade de La Rochelle (ULR) desde 1970. A Universidade Federal da Paraíba apresentava semelhança de porte, áreas do conhecimento e comprometimento regional à La Rochelle. Na grade do curso LEA, o português do Brasil e a cultura brasileira, além da língua inglesa e espanhola e suas culturas respectivas foram adicionadas, pois via-se que eram importantes e que seriam

todos esses temas abordados durante a graduação do aluno que estudasse no Brasil. Por um lado, o LEA em La Rochelle buscava fazer novas parcerias com universidades estrangeiras onde seus estudantes pudessem fazer estágios e intercâmbios, já a UESC, por outro lado, pensava na renovação e otimização das línguas estrangeiras do tradicional curso de Letras que se expandia com a implantação de algumas graduações na grade do curso e o objetivo era ter novas possibilidades de desenvolvimento regional nas áreas de comunicação, medicina e engenharia de produção dentro das instituições e dos departamentos que ofertavam os cursos. (VOISIN, 2015).

Depois que o acordo foi firmado entre as duas universidades, o (LEA) foi adicionado ao departamento de Letras e Artes na (UESC), e como projeto político-pedagógico foi aprovado pelo Conselho Superior em 2002. A partir desta data, as mobilidades e a busca por “Currículos internacionalizados” voltados para o “business” por parte dos estudantes começaram a acontecer. A UESC recebeu seis estudantes franceses de La Rochelle e começou a enviar o mesmo número de alunos brasileiros em 2002 para a França, onde puderam passar pela experiência de estágios semestrais de vivência linguística, num programa financiado com recursos públicos do Département de La Charente Maritime, onde La Rochelle se encontra, sendo um marco fundamental no processo de internacionalização da UESC em 2002. (VOISIN, 2015).

Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a criação do LEA aconteceu em 2008 com a elaboração do Projeto Pedagógico do curso (PPC) e com a permissão do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DELEM), passando então a existir o curso na Paraíba. (PROJETO PEDAGÓGICO, LEA4, UFPB, 2008). A criação do LEA entrou novamente em pauta e a Comissão de Elaboração do seu PPC foi reativada para atualizar o Projeto adaptando à Resolução n.º 34/2004 do CONSEPE, que aprovou a sistemática de elaboração e de reformulação do Projeto Pedagógico dos Cursos de Graduação da UFPB. Sendo assim, o LEA, foi criado em 2009, tendo seu início do funcionamento na UFPB também em 2009, pela Resolução n.º 36/2009 do CONSEPE. (PPC LEA, UFPB, 2009).

Ainda na UFPB, o próprio projeto pedagógico (PPC) do curso LEA-NI tinha interesse em firmar parcerias com outras Instituições de Ensino Superior (IES) do mundo, porque existia na época, um desejo da instituição em promover a interação entre alunos e professores de diversas culturas. (PROJETO PEDAGÓGICO, LEA, UFPB, 2008). O Curso

⁴ PPC- Projeto Político- Pedagógico do curso de Graduação em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, Modalidade Bacharelado, do Centro de Ciências, Letras e Artes, Campus I, UFPB, 2008.

LEA representa uma experiência que se pauta nas diretrizes para a educação superior no século XXI propostas pela UNESCO em 1998 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº. 9394/96), pois promove a internacionalização universitária através de parcerias estratégicas entre as instituições nacionais e estrangeiras. (PPC, LEA, UFPB, 2008). No Geral, o objetivo do curso é formar profissionais que poderão atuar no âmbito dos diálogos e negociações internacionais, com competência comunicativa e com o conhecimento das três línguas ensinadas durante a graduação, onde o aluno aprende três idiomas e conhece também outras culturas. (PROJETO PEDAGÓGICO, LEA, UFPB, 2008).

O Curso LEA corresponde a uma formação de caráter multi e interdisciplinar em contextos de negociações internacionais nas empresas e demais tipos de organizações contemporâneas. O profissional LEA, quando formado, está apto a atuar nas áreas de Assuntos Interculturais; Atividades Internacionais; Cooperação Internacional nos Domínios Cultural, Econômico e Institucional; Cooperação Internacional e Desenvolvimento Territorial pelo Terceiro Setor (ONGs, Empresas Sociais e Solidárias, Cooperativas de Produção); Hotelaria; Importação e Exportação; Marketing Turístico; Mercados Estrangeiros; Meio Ambiente e Lazer; Transações Comerciais Internacionais, entre outros. (PROJETO PEDAGÓGICO, 2008, LEA, UFPB). Uma nova resolução "(nº 36 / 2009)" do CONSEPE Aprovou o Projeto Político-Pedagógico do Curso de LEA que seria integrante do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) no Campus I da UFPB.

Segundo o CONSEPE (2009), o curso LEA estaria inserido dentro da internacionalização, pois correspondia a uma formação de caráter multidisciplinar com o aprendizado de idiomas e suas respectivas culturas, em contextos de negociações internacionais nas empresas e demais tipos de organizações contemporâneas onde os profissionais atuam. (PROJETO PEDAGÓGICO DO LEA, UFPB, 2009).

Em (2009) o profissional LEA representa um novo perfil de profissional de línguas estrangeiras porque possui conhecimentos gerais em economia, administração, direito e outras áreas do conhecimento, que lhe permitirão atuar em assessorias ou consultorias de negociações internacionais. (PPC, LEA, UFPB, 2009)

Com a nova resolução do PPC/ LEA (2017), o objetivo atual do curso é desenvolver competências nos novos alunos para o exercício profissional no âmbito das negociações internacionais e com conhecimentos específicos para atuar em mediações interculturais nos âmbitos do turismo, do direito, do comércio exterior e dos negócios, com visão interdisciplinar e global. Ou seja, o Bacharel em LEA-NI atuará na mediação e gestão de

negociações em organizações públicas, privadas e de terceiro setor, tanto em âmbito nacional quanto internacional em que a negociação internacional e a aplicação de idiomas sejam fundamentais. (PPC, LEA, 2017).

O campo de atuação profissional em LEA-NI abrange as áreas de negócios com foco internacional do Turismo/Hotelaria e aos Negócios, especialmente voltado ao Comércio Exterior. Busca-se, através de um currículo multidisciplinar, desenvolver competências e habilidades para a formação de negociadores preparados para atuar em um mundo cada vez mais globalizado. (PPC, LEA, UFPB, 2017). No Rio de Janeiro, o curso LEA, é mais recente do que nas outras regiões do país, (UESC na Bahia e UFPB na Paraíba e Brasília). No Rio o curso funciona no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET). O curso é o primeiro desse estado (tendo início em 2014) e o quarto no Brasil e o principal objetivo no CEFET também é formar profissionais capazes de assessorar, mediar, coordenar, elaborar e executar ações no campo de diálogos, no mundo globalizado. (PPC LEA, CEFET, 2017).

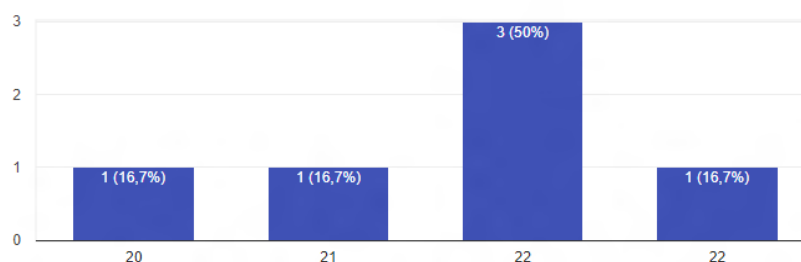
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

O capítulo a seguir está estruturado em tópicos que mostrarão os resultados da nossa pesquisa cujo dados foram obtidos através da aplicação de questionário aos alunos LEA estrangeiros que estudaram na UFPB entre 2013.1 à 2017.1 e que pretendia coletar dados sobre suas experiências de mobilidade acadêmica internacional na UFPB, Campus I. Dos 10 estudantes contatados, apenas 6 responderam ao questionário.

4.1. CARACTERIZAÇÃO DOS INTERCAMBISTAS

Esta pesquisa revelou que de acordo com as respostas obtidas no questionário, 100% dos alunos são jovens e possuem entre 20 e 22 anos, como o gráfico a seguir ilustra:

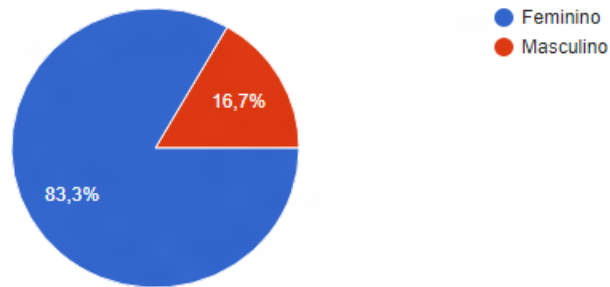
Gráfico 3- Idade dos Intercambistas em mobilidade



Fonte: Dados fornecidos para esta pesquisa, 2017.

Os dados também mostraram que boa parte, 83,3% é do sexo feminino e 16,7% do sexo masculino, Como gráfico a seguir:

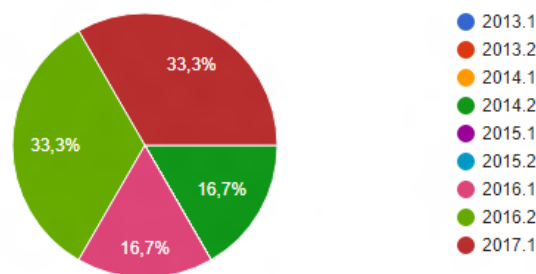
Gráfico 4 – Percentual de intercambistas (sexo)



Fonte: Dados fornecidos para esta pesquisa, 2017.

Dos (seis) alunos estrangeiros em mobilidade na UFPB entre 2013.1 a 2017.1 que responderam ao questionário, em 2014.2 veio (um) aluno estrangeiro, em 2016.1, (um) aluno, já em 2016.2 (dois) alunos estrangeiros e em 2017.1, (dois) alunos à UFPB para o intercâmbio. Como mostra o próximo gráfico:

Gráfico 5 – Porcentagem dos alunos em mobilidade por período



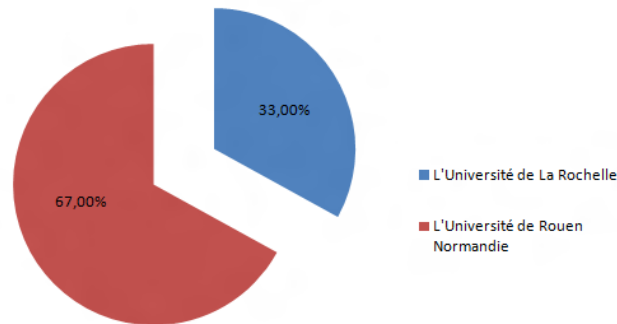
Fonte: Dados fornecidos para esta pesquisa, 2017.

4.2 DAS UNIVERSIDADES DE ORIGEM

De acordo com os dados obtidos com as respostas aos questionários, 33% dos alunos em mobilidade são da Universidade de La Rochelle e os outros 67% da universidade de Rouen ambas na França. Uma parte maior dos alunos em mobilidade

são da universidade da universidade de Rouen Normandie (quatro) alunos e da universidade de La Rochelle apenas (dois) alunos em mobilidade. Como demonstra o gráfico a seguir:

Gráfico 6- Universidade de origem



Fonte: Dados fornecidos para esta pesquisa, 2017.

Comparando os dados desta pesquisa com os dados FEA USP feita com alunos intercambistas Franceses e Brasileiros da FEA (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade), 105 Estudantes da FEA USP passaram um semestre ou mais na França em (2000-2005) e 85 estudantes franceses passaram um semestre ou mais na FEA USP em (1999-2005) e vieram de escolas conveniadas francesas, como da Univerisade de Rouen, da École Supérieure de Commerce Extérieur (ESCE) e da Universidade de Pau et des Pays de L'Adour (PAU). Desde 1998, a França representa o primeiro destino dos estudantes da FEA seguida pela Suécia, Alemanha, Holanda, Espanha, Portugal Inglaterra, Itália, EUA, Finlândia e Canadá. O estudo também mostrou que de (94) estudantes estrangeiros que vieram para a FEA USP em 2005, 24 deles vieram da França, (25,5%) e desde 1998, os estudantes franceses são os que mais vem ao Brasil, seguidos pelos alemães, portugueses, holandeses, suecos, italianos, norte-americanos, canadenses, húngaros e mexicanos entre outros. (SAKATA E RICCIO, 2006).

Os resultados obtidos da pesquisa feita com 30 estudantes Brasileiros e 23 estudantes estrangeiros através dos programas de intercâmbio pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) em 2014 mostraram alguns dados importantes.

Com relação ao programa de intercâmbio desenvolvido pela UNIFOR, este consiste no envio de seus alunos e recebimento de alunos estrangeiros das seguintes universidades: Hochschule Karlsruhe, Universität Köln, Hochschule Deggendorf, Fachhochschule Köl na Alemanha; Universidad Blas Pascal, Universidad Argentina John F. Kennedy, na Argentina; Haute Ecole de la Province de Liege no Canadá e em Concordia University na Bélgica, entre outras. (UNIFOR, 2014).

Para estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco segundo Leal e Ramos (2011), que participaram do Programa de Mobilidade Estudantil Internacional, do total de vinte e dois estudantes, dezesseis foram para universidades portuguesas, quatro para instituições francesas e dois para instituições espanholas. O quadro abaixo ilustra esses números:

Tabela 5 - Mobilidade de estudantes da graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) ao Exterior – por país de destino

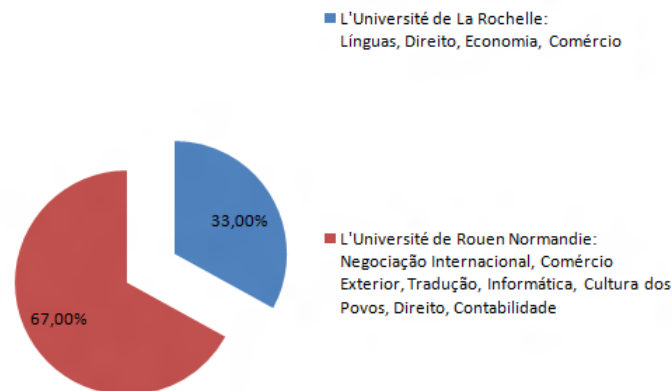
Pais	Nº de estudantes	Pais	Nº de estudantes
1º - Espanha	332	Canadá	9
2º - Portugal	327	Itália	9
3º - França	223	Holanda	6
4º - Alemanha	167	Japão	2
5º - Inglaterra	33	Suécia	2
Estados Unidos	28	Noruega	1
Chile	12	Peru	1
Bélgica	10	Rep. Tcheca	1
		Suíça	1

Fonte: Coordenação de Cooperação Internacional da UFPE (2011).

4.3 DESCRIÇÃO DO CURSO NA UNIVERSIDADE DE ORIGEM

Segundo relatos dos alunos para esta pesquisa, 33% dos alunos em La Rochelle afirmaram que o LEA-NI é voltado para as áreas de Línguas, Direito, Economia e Comercio Exterior e na universidade de Rouen 67% afirmaram que o LEA-NI está mais focado nas áreas de negociações internacionais, comércio exterior, tradução, informática, cultura dos povos, direito e contabilidade. Como o gráfico abaixo demonstra:

Gráfico 7- Foco do curso LEA nas universidades de Rouen e La Rochelle



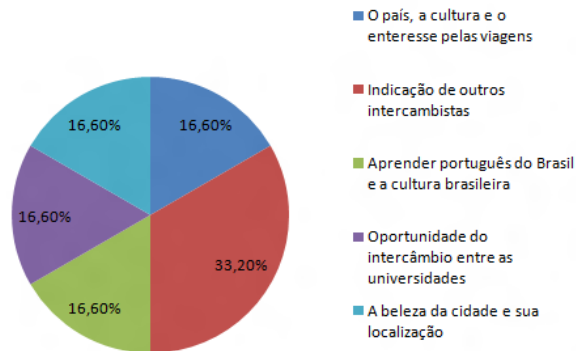
Fonte: Dados fornecidos para esta pesquisa, 2017.

Segundo Leal e Ramos (2011), para estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, que participaram do Programa de Mobilidade Estudantil Internacional, do total de vinte e dois estudantes, dezesseis foram para universidades portuguesas, quatro para instituições francesas e dois para instituições espanholas.

4.4 FATORES QUE INFLUENCIARAM OS ESTUDANTES ESTRANGEIROS A ESTUDAR LEA NA UFPB

Dos fatores que influenciaram os estudantes estrangeiros a fazerem mobilidade na UFPB, constatou-se que 16,6% dos alunos estrangeiros afirmaram que o país, a cultura e o interesse por viagem; 33,20% dos alunos afirmaram que a decisão aconteceu a partir de conversas com outros intercambistas que indicaram a instituição como destino para a mobilidade; 16,60% dos entrevistados, afirmaram que aprender português do Brasil e a cultura brasileira foram os fatores de maior influência para a decisão de irem estudar na UFPB; Os outros 33,20% dos alunos, informaram que a oportunidade e intercâmbio entre as instituições e a localização e beleza da cidade de João Pessoa foram os fatores de maior influência para que eles fizessem a mobilidade na UFPB. O gráfico abaixo mostra esses dados:

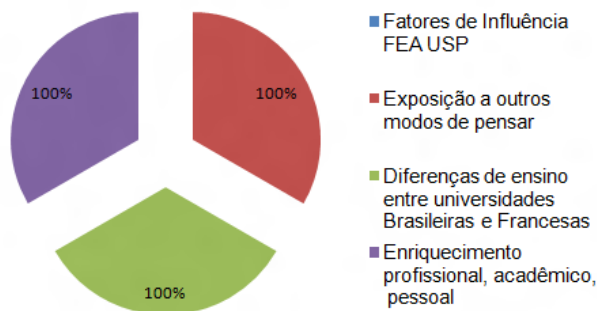
Gráfico 8- Fatores de influência para a mobilidade acadêmica internacional na UFPB



Fonte: Dados fornecidos para esta pesquisa, 2017.

Em comparação com os dados na UFPB, os fatores de influência para a mobilidade acadêmica internacional dos estudantes Frances no Brasil quanto para os estudantes brasileiros na França FEA USP, a exposição a outros modos de pensar, a diferença dos ensinamentos nas universidades brasileiras e estrangeiras e o enriquecimento da educação como um todo, foram fatores de influência para que os alunos fizessem mobilidade acadêmica. (SAKATA E RICCIO, 2006), como ilustra o gráfico abaixo:

Gráfico 9- Fatores de influência para a mobilidade acadêmica internacional dos estudantes Franceses e Brasileiros, FEA USP



Fonte: FEA USP, 2006.

Segundo Leal e Ramos (2011), para os estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco que fizeram intercâmbios no exterior, o que os

motivou a escolher Portugal como principal destino e a procurar o programa de intercambio foram os aspectos socioculturais, acadêmicos e econômicos, como conhecer uma nova cultura, a reputação e qualidade do sistema de ensino de Portugal, planos de fazer uma pós-graduação e a oferta de bolsa de estudos neste país que eram maiores, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 6 - Motivações para participar do programa de mobilidade estudantil

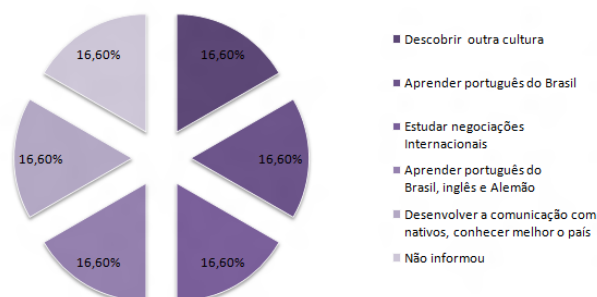
Motivações para o programa de mobilidade estudantil internacional	% respostas
Conhecer uma nova cultura	76,9%
Reputação e qualidade do sistema de ensino existente no país de destino	76,9%
Existência do curso desejado no país de destino	61,5%
Oferta de bolsa de estudos	53,8%
Pretensão de fazer uma pós-graduação no futuro no país de destino	46,2%
Qualidade de vida no país de destino	30,8%
Possibilidade de trabalhar no país de destino	23,1%
Infra-estrutura para estudante no país de destino	23,1%
Valorização de competências pelo mercado de trabalho	23,1%
Conhecer/aprimorar outro idioma	15,4%
Não dominar outro idioma além do português	15,4%
Facilidade de obter o visto	7,7%
Outros	7,7%
Existência de grupos de estudantes/amigos no país de destino	0,0%

Fonte: Programa de Mobilidade Estudantil Internacional: Uma reflexão sobre experiências de estudantes do Curso de Pedagogia da UFPE (2011).

4.5 EXPECTATIVAS ANTERIORES AO INTERCÂMBIO NA UFPB

A partir da análise dos dados, foi possível descobrir outros pontos importantes referentes às experiências desses estudantes internacionais na UFPB que responderam sobre as expectativas anteriores à chegada a UFPB. 16,60% desejavam descobrir outra cultura; 16,60% desejavam aprender português; 16,60% queriam estudar negociações internacionais; 16,6% queriam aprender português, Inglês e Alemão; 16,6% queriam desenvolver a comunicação com nativos e conhecer melhor o país; 16,6% não souberam informar. Como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 10- Expectativas anteriores à chegada a UFPB (%)



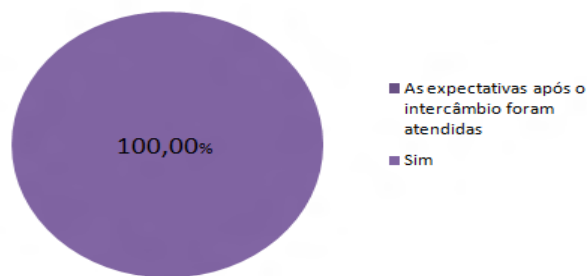
Fonte: Dados fornecidos para esta pesquisa, 2017.

De acordo com os mesmos dados obtidos na pesquisa FEA USP, os dados mostram que os estudantes franceses, consideraram estarem mais familiarizados com a cultura brasileira, enquanto os estudantes brasileiros, tiveram um maior enriquecimento na educação como um todo. Segundo Sakata e Riccio (2006) a intensidade das relações interpessoais se estabelecem durante os programas de intercâmbio feito pelos estudantes.

4.6 EXPECTATIVAS APÓS O INTERCÂMBIO NA UFPB

As expectativas anteriores dos intercambistas depois da mobilidade na UFPB de modo geral foram atendidas. Ou seja, eles aprenderam a falar melhor Português e obtiveram uma compreensão mais abrangente sobre a cultura brasileira e sobre nossas diferenças culturais, conforme suas diferentes expectativas. Como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 11- expectativas após o intercâmbio na UFPB

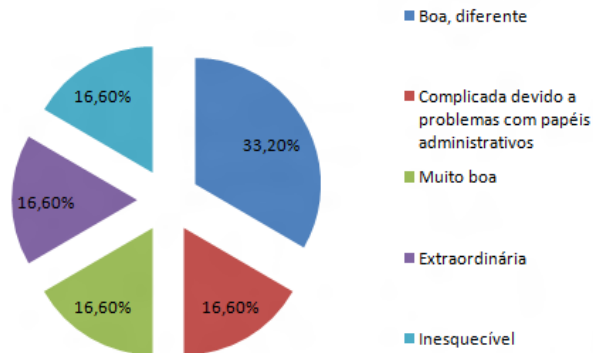


Fonte: Dados fornecidos para esta pesquisa, 2017.

4.7 AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA OBTIDA COM O INTERCÂMBIO NA UFPB

Para 16,6% dos alunos, a experiência obtida durante a mobilidade na UFPB foi avaliada como inesquecível; 16,6% classificaram-na como extraordinária; 16,6% disseram que a experiência foi muito boa; 33,20% dos alunos avaliaram a experiência como boa e diferente; e 16,6% afirmaram que a experiência durante o intercâmbio foi complicada, por conta das dificuldades entre a UFPB e sua universidade de origem, como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 12- Avalia da experiência na UFPB após o intercâmbio



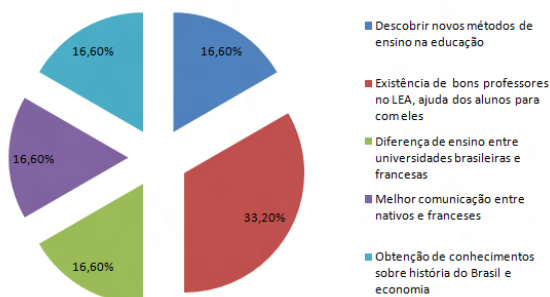
Fonte: Dados cedidos para esta pesquisa, 2017.

A avaliação após o intercâmbio para todos os alunos estrangeiros e brasileiros que fizeram intercâmbio pela UNIFOR (2014), para eles, A experiência após do intercâmbio foi considerada ótima e boa por causa da familiaridade com a cultura local que foi comum aos brasileiros e aos estrangeiros. (SENA E MATOS, 2014).

4.7.1 PONTOS POSITIVOS

Para os estudantes internacionais, 16,6%, desejavam descobrir novos métodos de ensino na educação; 33,2% afirmaram existir bons professores no LEA, bem como, ajuda dos alunos para com eles; 16,6% apontaram como positiva a diferença de ensino entre universidades brasileiras e francesas; 16,6% relataram uma melhor comunicação entre nativos e franceses e 16,6% obtiveram conhecimentos de áreas como história do Brasil e economia, como o gráfico a seguir ilustra:

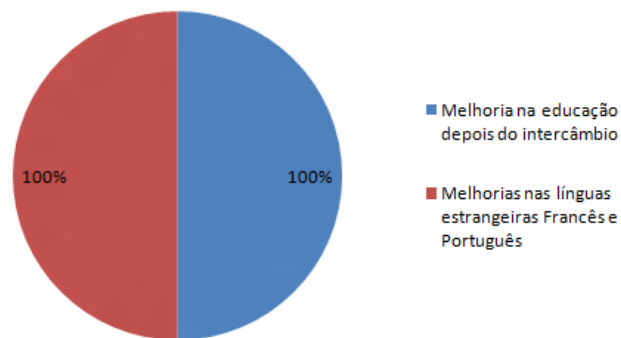
Gráfico 13- Pontos positivos da experiência na UFPB segundo os intercambistas



Fonte: Dados fornecidos para esta pesquisa, 2017.

Já para os estudantes brasileiros e estrangeiros FEA USP, com o intercâmbio, houve melhorias na educação, isto significa, para os estudantes, que depois do intercâmbio, os pontos positivos foram à melhoria na educação que fez com que eles se tornassem profissionais capacitados para trabalharem no mercado global, devido à experiência internacional. (SAKATA E RICCIO, 2006). Os resultados também mostraram que tanto brasileiros quanto franceses melhoraram a fluência no idioma, como o gráfico a seguir ilustra:

Gráfico 14- Pontos positivos da experiência dos alunos Brasileiros e Franceses FEA USP

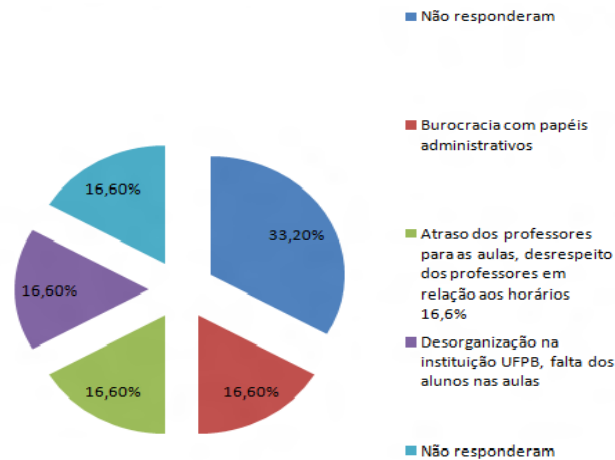


Fonte: FEA USP, 2006.

4.7.2 PONTOS NEGATIVOS DA EXPERIÊNCIA DO INTERCÂMBIO NA UFPB

Para 33,20% dos estudantes internacionais que responderam ao questionário, não existiram pontos negativos; 16,6% relataram dificuldades, no início, com a burocracia dos papéis administrativos e com o processo do intercâmbio; 16,6% relataram o atraso dos professores para as aulas e desrespeito por parte dos professores em relação aos horários; 16,6% afirmaram existir desorganização na instituição UFPB e a falta dos alunos nas aulas como pontos negativos; por fim, 16,6% não responderam a essa questão. O gráfico abaixo mostra essas informações.

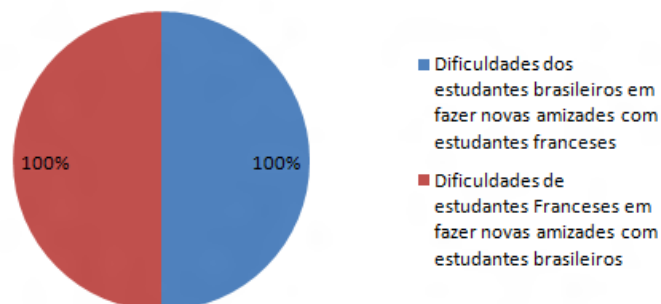
Gráfico 15- Pontos negativos na visão dos estudantes estrangeiros durante a mobilidade na UFPB



Fonte: Dados concedidos para esta pesquisa, 2017.

Os pontos negativos do estudo FEA USP apontaram, que a maioria dos estudantes brasileiros, não mantiveram tanto contato com os estudantes franceses e informaram ter passado mais tempo com outros estudantes internacionais durante a mobilidade período na França. Eles relataram como pontos negativos, algumas dificuldades em fazer novas amizades com estudantes franceses. O mesmo sentiam os estudantes franceses no Brasil durante a mobilidade (SAKATTA E RICCIO, 2006), como ilustra o gráfico abaixo:

Gráfico 16- Pontos Negativos na visão dos estudantes Brasileiros e Franceses FEA USP durante a mobilidade



Fonte: FEA USP, 2006.

O resultado da pesquisa FEA USP, também mostrou que, às relações entre o Brasil e a França através dos programas de mobilidade, tem sido boa, nos aspectos profissionais, educacionais e culturais, mas não interpessoais com a mesma intensidade. (SAKATA E RICCIO, 2006).

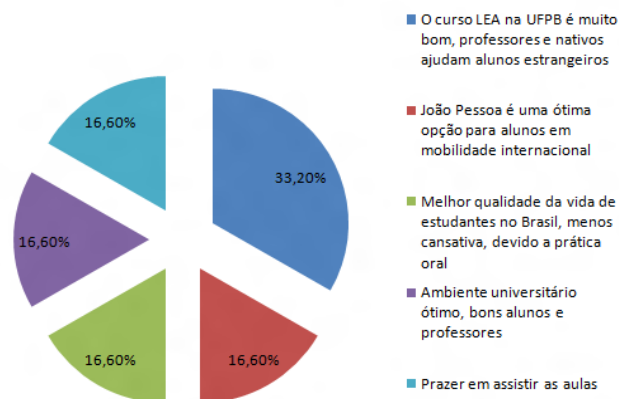
Os resultados obtidos na pesquisa feita com estudantes estrangeiros e Brasileiros da UNIFOR em 2014, mostraram que os pontos negativos na visão deles, sem dúvidas estavam relacionados à comunicação, pois a maioria dos alunos não se considerava fluente no idioma do país de chegada. (MACHADO E SENA, 2014).

4.8 RECOMENDAÇÃO DE INTERCÂMBIO NA UFPB

Nas respostas obtidas, 100% dos alunos estrangeiros indicariam para um(a) colega um período de estudos na UFPB, pois na visão deles, o LEA é um curso muito bom, graças aos professores e aos alunos que são bastante comunicativos, além da cidade João Pessoa ser muito boa para a prática da mobilidade internacional.

Para 33,20% o curso LEA na UFPB é muito bom, porque professores e estudantes brasileiros ajudam os alunos estrangeiros; 16,6% justificaram que João Pessoa é uma ótima opção para alunos em mobilidade internacional; 16,6% afirmaram que a qualidade de vida de estudantes no Brasil é melhor e menos cansativa, pois os alunos aprendem rapidamente o que desejam devido á prática oral; 16,6% alegaram que o ambiente universitário na instituição em geral é ótimo, assim como alunos e professores são bons; e 16,6% asseguraram que sentiam prazer em vir as aulas, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 17- Motivos pelos quais estudantes estrangeiros indicariam para um (a) colega um período de estudos na UFPB



Fonte: Dados concedidos para esta pesquisa, 2017.

Comparando os dados desta pesquisa apresentados com resultados obtidos na UESC através do intercâmbio, o objetivo da instituição em expor na grade do curso LEA o português do Brasil e a cultura brasileira foi benéfico hoje porque se passaram alguns anos desde a criação do LEA na UESC sendo o desejo dos alunos franceses o mesmo, aprender sobre a cultura Brasileira e o português, evidenciando ainda mais a importância da permanência das disciplinas relacionadas à cultura dos povos no curso LEA na UFPB, pois foram essenciais para esta parcela de (seis) alunos estrangeiros aprenderem sobre o Brasil e sobre nossas diferenças culturais e regionais.

Finalizando esta sessão, seguem-se as considerações finais e as referências desta pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo nos possibilitou termos uma compreensão maior e mais ampla de como se deu o processo de mobilidade acadêmica internacional dos estudantes LEA estrangeiros. A mobilidade acadêmica internacional, foi de grande importância no aprendizado dos intercambistas, sendo assim, creio que nossos questionamentos iniciais puderam ser respondidos em relação ao objetivo geral desta pesquisa, a experiência de alunos LEA estrangeiros na Universidade Federal da Paraíba, no geral, durante a mobilidade internacional, foi bastante positiva segundo eles, confirmando-se também as hipóteses iniciais, pois os estudantes sentem o desejo de aprender sobre uma nova cultura como também são influenciados, por outros intercambistas quando compartilham suas experiências pessoais de viagem uns para com os outros. No decorrer da pesquisa, a necessidade de se responder a pergunta: como foi a experiência de mobilidade acadêmica internacional de estudantes de LEA-NI franceses na Universidade Federal da Paraíba? para uma parcela de (seis) estudantes, a experiência durante a mobilidade foi satisfatória e todas as expectativas após o intercâmbio foram atendidas.

Com a aplicação do questionário verificou-se os pontos negativos da mobilidade, como a burocracia entre as instituições nacionais e estrangeiras, que deve ser reavaliada para que novos problemas internos não prejudiquem o trajeto dos alunos durante a mobilidade e como sugestão pessoal, as instituições precisam criar soluções para que este problema relatado seja solucionado. Com a finalização da discussão e dos resultados, entendem-se os benefícios advindos desta pesquisa e da mobilidade internacional nas instituições, além disto, a busca por novas informações possibilitou obter-se novos dados sobre a mobilidade na instituição UFPB e que servirão como base para pesquisas no curso LEA futuramente. Os resultados desta pesquisa mostraram que os estudantes estrangeiros sentem o desejo de conhecer novas culturas, um novo idioma e possuir novas experiências enriquecedoras para suas formações acadêmicas, profissionais e pessoais, sendo importante, oferecer mais oportunidades não apenas para estrangeiros como também para brasileiros que desejam fazer mobilidade no exterior.

Como afirma o PPC LEA (2008) no geral, o objetivo do curso é formar profissionais que poderão atuar no âmbito dos diálogos e negociações internacionais, com competência comunicativa que conheça também outras culturas, por isso, é essencial para nós, sabermos nos comunicar com esses estudantes estrangeiros, principalmente porque eles

precisam de ajuda para aprenderem o nosso idioma, fazerem novos ciclos de amizade e obterem mais conhecimento na academia. Tornar o LEA um lugar acolhedor é dever nosso como graduandos, precisamos conversar mais com os estrangeiros, não só Franceses como africanos, argentinos e demais estudantes vindo de outros países que estão por todo o campus na UFPB. Interagir, solucionar dificuldades, fazer novas amizades com eles é nosso dever e como apontaram os resultados desta pesquisa, o ato de criar novos Laços e serem bem acolhidos é muito importante para os estrangeiros, além do mais, sabemos que é difícil viver em um país estrangeiro e quando se é bem recepcionado e acolhido por nativos as coisas fluem melhor. A mobilidade acadêmica é uma viagem que todo estudante deve ser estimulado a fazer e as universidades devem oferecer novas bolsas e firmar mais acordos acadêmicos pois são também propulsoras do conhecimento. A mobilidade é um tema muito discutido por jovens na vida acadêmica, profissional ou pessoal e deve ser explorada, não só em trabalhos acadêmicos como também em sala de aula entre mestres e graduandos. Este estudo sem dúvidas auxiliará no sentido de informar aos alunos que estão iniciando o curso LEA, sobre o que é intercâmbio, suas implicações e desafios. A viagem é uma experiência que será levada por toda a vida e ter um diploma ou vivência no exterior ainda é símbolo de status desde o Gran Tour, um diferencial para nós futuros profissionais no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Julia; IRVING, Marta de Azevedo. **Turismo: O desafio da Sustentabilidade**. 0º Edição. São Paulo: Futura, 2002.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: Fundamentos e Dimensões coleção 98**. São Paulo: Ática, 1998.

AULÍCIO, Madelena Pedroso. **Turismo e Estâncias: Impacto e Benefícios para os Municípios**. 1ª edição. São Paulo: Futura, 2001.

ABAV –Associação Brasileira de Agencias de Viagens. Dados sobre o turismo nacional. 2016. Disponível em:

<http://www.abav.com.br/noticias/faturamento-do-turismo-nacional-no-ultimo-trimestre-de-2016-supera-em-37-estimativas-do-setor>. Acesso em: junh. 2016.

ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro. Circulação Estudantil e Imigração Brasileira na França. In: XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Águas de Lindóia, 20 a 24 de Novembro, 2012. Disponível em:

<http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER%5B131%5DABEP2012.pdf>. Acesso em: Jul. 2017.

BIDO, Maria Cláudia Fogaça. **Ciência com Fronteiras: a mobilidade acadêmica e seus impactos**. Dissertação, Mestrado. Porto Alegre RS. 2015. Disponível em:

http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4989/Maria%20Cl%C3%A1udia%20Foga%C3%A7a%20Bido_.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: Set. 2017.

BRAGATO, Cíntia Nunes. **Mobilidade Acadêmica Internacional: Razões da Baixa Mobilidade de Estudantes de Colleges do Reino Unido**, 2015, São Paulo. Disponível em:

http://www2.espm.br/sites/default/files/pagina/cintia_nunes_bragato.pdf. Acesso em Agos. 2017.

BRARRETTO, Margarita; J.R BANDUCCE, Álvaro. **Turismo e Identidade Local: Uma Visão Antropológica. (Coleção Turismo)**. 4ª edição. Campinas, São Paulo. Editora: Papirus, 2001.

BRAGATO, Cíntia Nunes. **Mobilidade Acadêmica Internacional: Razões da Baixa Mobilidade de Estudantes de Colleges do Reino Unido**. São Paulo, 2015: Disponível em:
http://www2.espm.br/sites/default/files/pagina/cintia_nunes_bragato.pdf. Acesso em: Jul. 2017.

CARVÃO, Sandra. **Tendências do Turismo Internacional. Organização Mundial do Turismo – OMT**, 2009. Disponível em:
<http://www.exedrajournal.com/docs/S-tur/02-Sandra-Carvao-32.pdf>. Acesso em: Set. 2016.

COOPER, Chris. **Tourism: principles and Practice. Turismo: Princípios e Práticas**. 3ª edição. Editora: Bookman Companhia. 2007. Disponível em: Biblioteca virtual UFPB. Acesso em: junh.2016.

COOPER, Chris. FLETCHER, John , WANHILL, Stlephen, GILBERT, David Gilbert, SHEPHERD, Rebecca. **Turismo: Princípios e Prática**. 2ª Edição. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CABRAL, Thiago Luiz De Oliveira; SILVA, Júlio Eduardo Ornelas; SAITO, Catarina Erika. **Realidade do Intercâmbio e da Mobilidade Acadêmica da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2011. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/29299/6.1.pdf?sequenc e=1&isAllowed=y>. Acesso em: junh.2016.

CNPQ: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. 2017. Disponível em: <http://cnpq.br/web/guest/pagina-inicial>. Acesso em: Set. 2017

Ciência sem Fronteiras. Disponível em:
<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>. Acesso em: Set. 2017.

Ciência sem Fronteiras: Bolsistas pelo mundo. 2017. Disponível em:
<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/bolsistas-pelo-mundo>. Acesso em:
Agos. 2017.

Cinco Verdades a respeito da Internacionalização. KNIGHT, J. 2012. Disponível em:
<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/cinco-verdades-a-respeito-da-internacionalizacao>. Acesso em: Set. 2017.

DALBEN, Tatiany Pertel Sabaini; MOURA, Ticiano Grecco Zanon. **LEA: 10 anos de Brasil.** 1º edição. Bahia: Editus. 2015.

Fundação CT/NE – O turismo no Nordeste. 2017. Disponível em:
<http://www.ctinordestedobrasil.com.br/infogerais.html>. Acesso em: junh.2016.

INTERNACIONALIZAÇÃO E PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: Um olhar voltado para o Ciência sem Fronteiras (CsF). MOROSINI, BERTINATTI e Nicole GOLEMBIEWSKI, Luan. Políticas Nacionais e Gestão Institucional para Redução do Abandono. PUCRS. 2013. Disponível em:
http://clabes-alfaguia.org/clabes-2013/ponencias/LT_3/ponencia_completa_183.pdf. Acesso em: Set. 2017.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo.** 2ª edição revisada e ampliada, São Paulo: Thomson Learning, 2003.

IBGE 2016, em parceria com Orgãos Estaduais de Estatísticas, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus. SUFRAMA. 2016. Disponível em:
<http://paraiba.pb.gov.br/pib-da-paraiba-registra-quarto-maior-crescimento-do-brasil-e-primeiro-no-nordeste/>. Acesso em: junh.2016.

ISTITUTO FERCOMÉCIO PB. Pesquisa Anual do Desempenho do Turismo na Região Metropolitana de João Pessoa. 2017. Disponível em:

<file:///D:/turismopb2017.pdf/>

[file:///C:/Users/ismael/Downloads/turismopb2017%20\(1\).pdf.](file:///C:/Users/ismael/Downloads/turismopb2017%20(1).pdf.) Acesso em: Jul. 2017.

Internacionalização da Educação Superior: Um Estudo com Alunos Intercambistas de uma Instituição de Ensino Superior do Brasil. SENA, Andrelina Pimentel, MATOS, Fátima Regina Ney, MACHADO, Diego de Queiroz e SENA, Augusto Marcos Carvalho. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 22(122). Artigo aceito em 1/5/2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/287598605_Internacionalizacao_da_Educao_Superior_Um_Estudo_com_Alunos_Intercambistas_de_uma_Instituicao_de_Ensino_Superior_do_Brasil. Acesso em: Set. 2017.

Índice de Competitividade do Turismo Nacional: Destinos indutores do desenvolvimento turístico regional – Relatório Brasil 2014. Fonte: Ministério do Turismo, Sebrae e Fundação Getulio Vargas. 6ª Edição. 2014. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/indice_Brasil_2014_2.pdf. Acesso em: Agos. 2017.

LUNA, José Marcelo Freitas e SEHNEM, Paulo Roberto. **Erasmus e Ciência sem Fronteiras:** considerações iniciais sobre mobilidade estudantil e política lingüística. 2013. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, - RBPAAE - v. 29, n.3, p. 445-462, set/dez. 2013. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/rbpaee/article/view/47215/29419>. Disponível em pdf: <file:///C:/Users/ismael/Downloads/47215-191629-1-SM.pdf>. Acesso em: Set. 2017.

Mobilidades Acadêmicas na UESC, os convênios firmados pelos professores do DLA. Disponíveis em: http://www.uesc.br/cursos/graduacao/bacharelado/lea/index.php?item=conteudo_conv%C3%A9nios.php. (link: <http://www.uesc.br/arint>). (<http://anlea.org/AILEA/universites-partenaires>). <http://www.uesc.br/cursos/graduacao/bacharelado/lea/index.php?item=contato.php>. Acesso em: Set. 2017

MONTEIRO, Anabela Figueiredo Machado. **A Mobilidade Acadêmica Européia e o Turismo Educativo Cultural: Fatores de Decisão e de Motivação.** 2014, Coimbra. Disponível em: file:///C:/Users/ismael/Downloads/tese_anabela-imp.pdf Acesso em: junh.2016.

MOROSINI, Marília Costa. **Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior – Conceitos e práticas*** The state of knowledge in the

internationalization of higher education – Concepts and practices. Caxambu, Minas Gerais, 16 – 19 de outubro de 2005. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a08n28.pdf>. Acesso em Agos. 2017.

Ministério do Turismo. Estatísticas básicas de turismo Brasil. 2015. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/images/pdf/EstatisticasBasicasdoTurismo-Brazil2016-Anobase2015.pdf>. Acesso em: junh. 2016.

Ministério do Turismo. Turismo Cultural: Orientações Básicas. 3ª Edição: Brasília, 2010. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em: junh. 2016.

Ministério do Turismo e Fundação Getúlio Vargas: Boletim de Desempenho Econômico do Turismo. 2017. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/images/pdf/boletim_desempenho_eco_tur_ano_xiv_53_jan_17.pdf. Acesso em: junh.2016.

Ministério do turismo. 2017. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/>. Acesso em: junh.2016.

MAIS TURISMO, MAIS DESENVOLVIMENTO. Ministério do Turismo. 2013. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/noticias/todas_noticias/Noticias_download/Cartilha_Mais_Turismo_mais_desenvolvimento_2013.pdf. Acesso em: Agos. 2017.

MENEZES, José Newton Coelho. **História e Turismo Cultural. Coleção:História e... Reflexões.** 1ª edição. Editora: Autêntica, 2004. disponível em: [biblioteca virtual UFPB](#). Acesso em: junh.2016.

MONTEIRO, Anabela Figueiredo Machado. A Mobilidade Acadêmica Européia e o Turismo Educacional Cultural: Fatores de Decisão e de Motivação. Coimbra 2014.

Disponível em:

https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/24244/3/tese_anabela-imp.pdf. Acesso em: Agos. 2017.

OLIVEIRA, Antônio Pereira. **Turismo e Desenvolvimento: Planejamento e Organização**. 3ª Edição Revisada e Ampliada. São Paulo: Atlas, 2001.

OLIVEIRA, Antônio Pereira. **Turismo e Desenvolvimento: Planejamento e Organização**. 3ª edição revisada e ampliada. São Paulo: Atlas, 2001.

OMT - World Tourism Organization - International Recommendations for Tourism Statistics. Organização Mundial do Turismo. 2008. disponíveis em: _

<http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/Glossary+of+terms.pdf>. Acesso em: abr.2016.

O PIB paraibano registra quarto maior crescimento do Brasil e 1 no NE. 2016.

Disponível em: [IBGE:http://www.cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/2507507](http://www.cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/2507507).

Acesso em: junh. 2016.

Paraíba muito mais do que sol e mar. 2017. Disponível em:

<http://www.destinoparaiba.pb.gov.br/joao-pessoa-2/http://www.destinoparaiba.pb.gov.br/> / <https://www.pbtur.com.br/>. Acesso em: Març. 2016.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **O que é turismo. Primeiros Passos Coleção**. São Paulo: Brasiliense, 2017. Acesso em: Agos. 2017.

PROGETO PEDAGÓGICO DE CURSO. Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais. 2008 UFPB. Disponível em:

Paraíba,http://www.cchla.ufpb.br/lea/images/tcc/anexo_a.pdf. Acesso em: Set. 2017.

PROGETO PEDAGÓGICO DE CURSO. Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais. UFPB – Paraíba, 2009. Disponível em:

http://www.cchla.ufpb.br/lea/images/PDF/res_36_2009_ppc_lea.pdf.

<http://www.cchla.ufpb.br/lea/>.

<http://www.cchla.ufpb.br/lea/index.php/component/content/category/10-resolucoes>.

Acesso em: Agos. 2017.

PPC- PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO: Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais. UFPB 2017. Disponível em:

file:///C:/Users/ismael/Downloads/Rsep17_2017.pdf. Acesso em: Set. 2017.

PPC- PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO: Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais. CEFET – RJ 2017. Disponível em:

<http://www.cefet-rj.br/attachments/article/2560/PPC%20-%20LEANI.pdf>. Acesso em: Set. 2017.

TURISMÓLOGO: Um olhar sobre sua formação para atender pessoas com deficiência. HESPANHOL, Bernadete. Piracicaba: SP. Dissertação de Mestrado. 2005. Disponível em:

<https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/KMPKPEOUILOF.pdf>. Acesso em: Set. 2017.

PROGRAMAS DE MOBILIDADE INTERNACIONAL:

ANDIFES. 2017. Disponível em:

http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2012/04/Convenio_Andifes_de_Mobilidade_Academica.pdf. Acesso em: Agos. 2017.

PEC-G / PEG- PG. 2017. Disponível em:

<http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/introducao.php>. Acesso em: Agos. 2017.

CAPES/COFECUB. 2017. Disponível em:

<http://www.capes.gov.br/acesoainformacao/acoes-e-programas>.

<http://www.campusfrance.org/fr/capes-cofecub>. Acesso em: Agos. 2017.

BRAFITEC. 2017. Disponível em:

<http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/franca/brafitec>.

<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/28042017-Edital-13-2017-BRAFITEC-CAPES-CDEFI.pdf>. Acesso em: Agos. 2017.

PROPAT BRASIL/MÉXICO. 2017. Disponível em:

<http://www.grupocoimbra.org.br/Novidades/ArquivosDeNovidades/Resultados%20PROPAT.pdf>.

[http://www.grupocoimbra.org.br/Destaques/Resultados-PROPAT-BRASIL-MEXICO-2017-\[ESP\].pdf](http://www.grupocoimbra.org.br/Destaques/Resultados-PROPAT-BRASIL-MEXICO-2017-[ESP].pdf). Acesso em: Agos. 2017.

PROMOBI. 2017. Disponível em:

<http://www.ufpb.br/aai/contents/paginas/programas/promobi/informacoes-gerais>.

BEMMUNDUS. 2017. Disponível em: <http://www.bemundus.eu/?lang=pt>. Acesso em: Agos. 2017.

Prefeitura de João Pessoa. Secretaria do turismo: O turismo em João Pessoa.

2017. Disponível em: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/secretarias/setur/joaopessoa/>.

Acesso em: junh. 2016.

RAMOS, Kátia Maria da Cruz; LEAL, Cinthia de Oliveira Santos. **Programa de**

Mobilidade Estudantil Internacional: Uma reflexão sobre experiências de Estudantes do Curso de Pedagogia da UFPE. 2011. Disponível em:

http://www.aforges.org/wp-content/uploads/2017/03/Leal_Cinthia-e-Ramos_Katia_Mobilidade-Estudantil-Internacional.pdf. Acesso em: junh. 2016.

RICCIO, Edson Luiz; SAKATA, Marici Gramacho. **A Internacionalização da Educação Superior – Uma Pesquisa com Alunos Intercambistas Franceses e Brasileiros da FEA – Faculdade de Economia Administração e Contabilidade da USP.** 2006. Disponível em:

<file:///C:/Users/ismael/Downloads/81815-113291-1-SM.pdf>.

Acesso em Agos. 2017.

SEBBEN, Andréa. **Intercambio Cultural: Para entender e se apaixonar.** 3ª edição.

Porto Alegre: Artes e ofícios, 2007.

SEBBEN, Andréa. **Expatriados.com: Um desafio para os rhs interculturais.** 1ª

edição. Porto Alegre. RS: Artes e ofícios, 2009.

SOARES, Chalene; VOLPATO, Gildo. A Internacionalização como desafio no ensino superior: Dos ganhos individuais aos impactos institucionais. In: Formação e Gestão em Processos Educativos. UNESCO. Disponível em:

<http://periodicos.unesc.net/seminarioECPE/article/viewFile/2199/2088>. Acesso em: Agos. 2017.

THEOBALD, William F. Turismo Global. Global Tourism. 2ª edição. São Paulo: Senac. São Paulo, 2002.

UESC – CONVÊNIOS BRASIL – FRANÇA. Disponível em: <http://www.uesc.br/cursos/graduacao/bacharelado/lea/>. Acesso em: Set. 2017.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: EXPERIÊNCIAS DE ALUNOS LEA ESTRANGEIROS NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Informações para o (a) participante voluntário (a):

Você está convidado (a) a responder este questionário anônimo que faz parte da coleta de dados da pesquisa: Mobilidade Acadêmica Internacional: Experiências de Alunos LEA Estrangeiros na Universidade Federal da Paraíba, da aluna Josielma Carla do Nascimento sob orientação da Professora Ma. Claudia Caminha Rodrigues, que fará parte da pesquisa desenvolvida para o trabalho de conclusão de curso da referida aluna. Para ter acesso ao questionário, click aqui (<https://docs.google.com/forms/d/1gIOvH5legxAOQBS-WufVnR0DpSRY2UYIBZhThnezVeQ/edit>).

Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos:

- a) você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza;
- b) você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso;
- c) sua identidade será mantida em sigilo;
- d) caso você queira, poderá ser informada (o) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa;
- e) os dados são sigilosos e serão acessados apenas pela pesquisadora e sua orientadora;
- f) este questionário deverá ser respondido até 17.10.2017 e você levará cerca de 10 minutos para respondê-lo. Caso queira identificar-se:

Nome

Idade

Sexo

MASCULINO – FEMININO

1. Quando voce estudou na UFPB?

Período: () 2013.1 () 2013.2 () 2014.1 () 2014.2 () 2015.1 () 2015.2 () 2016.1
() 2016.2 () 2017.1

2. Qual é a sua universidade de origem?

3. Descreva levemente o seu curso LEA em sua universidade de origem

4. Que fatores o/a influenciaram a estudar LEA na Universidade Federal da Paraíba?

5. Quais eram suas expectativas antes de sua chegada à UFPB?

6. Suas expectativas anteriores à sua chegada à UFPB foram atendidas?

7. De modo geral, como você avalia sua experiência na UFPB?
8. Quais os pontos positivos da sua experiência na UFPB?
9. Quais os pontos negativos da sua experiência na UFPB?
10. Você indicaria para um (a) colega um período de estudos na UFPB?

SIM NAO

Justifique sua resposta: